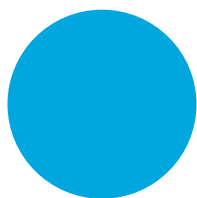


gazeta Valsassina

Março 2013 . n52



Sensibilidade social



índice

Editorial	1
Educação e desenvolvimento: a importância das questões sociais	2
Décadas de solidariedade	4
Memórias de solidariedade	4
As minhas responsabilidades para com os outros	5
Sensibilidade Social	6
Tínhamos em casa uma planta frágil	7
O valor Solidariedade...	8
Sensibilidade vs Intervenção social	9
Educação ambiental para a sustentabilidade: um contrato com o futuro	10
Solidariedade no estado de natureza e no estado civil	12
O voluntariado na comunidade Vida e Paz	14
Sensibilidade social e vida em comunidade	15
Está nas mãos de todos...	15
A parábola do Bom Samaritano	16
Sensibilidade social	18
Uma experiência de voluntariado: Ceia na Igreja de St ^ª Isabel	19
Pensar a Carta dos Direitos da Criança	19
Entrevista ao escritor João Tordo	20
Entrevista à escritora Margarida Fonseca Santos	22
Seis contos de Eça de Queirós	24
Exposição – Desaborrecer a escola. Um estímulo à criatividade	26
Unidade autorretrato fotográfico Fotografia criativa	28
Book Review. Recensão crítica	30
À maneira de Sophia	32
Parlamento dos Jovens “Os jovens e o emprego: que futuro?”	34
Projeto de Recomendação. Exposição de motivos	34
Projeto economia doméstica	36
Dia internacional da mulher	37
Presença do Líquen <i>lobaria</i> indica boa qualidade do ar	38
<i>Spartina maritima</i> : uma solução para remediar a poluição	39
Garrano: um património biológico e cultural a preservar	39
Património Cultural Subaquático. Em defesa de uma herança cultural da humanidade	40
Doze olhares sobre Lisboa	41
Instrução da leitura. Diferenciar para ensinar (parte 1)	42
Equipa de Ginástica do Valsassina “Mais do que uma equipa, uma família”	44
Estória de uma ideia feliz	45
Quadro de Honra 1 ^º P. 2012 2013	46
Colégio em ação	47
Viagem de Finalistas 2013	48
Aconteceu...	49
Aconteceu no desporto...	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores Frederico Valsassina Heitor
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor João Valsassina Heitor
Diretor Editorial João Gomes
Projeto Gráfico e Paginação Sandra Afonso
Impressão Loures Gráfica
Propriedade Colégio Valsassina
Tiragem 1600 exemplares

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Gomes Diretor editorial

Portugal vive hoje uma situação de crise económica e social que se agrava de dia para dia. Tendo em conta a evolução da sociedade e os crescentes problemas sociais (por exemplo, a situação de muitas famílias vê-se agravada pela precaridade do trabalho e por outros efeitos negativos da crise económica), é fundamental promover a solidariedade, a defesa dos direitos humanos, da liberdade e da solidariedade nacional e internacional.

Cada vez mais a escola tem o dever de contribuir, formando cidadãos conhecedores dos problemas e responsáveis dos mesmos. Uma escola com capacidade para se debruçar sobre todos e cada um, em que cada criança/jovem tem um nome e um papel a desempenhar.

Acreditamos que ninguém comete erro maior do que não fazer nada só porque acha que faz pouco, por isso ao longo dos últimos anos são vários os exemplos de ações e atividades que traduzem a sensibilidade e responsabilidade social do Colégio Valsassina: campanhas de solidariedade, desenvolvimento de parcerias com ONG's, trabalho de voluntariado, recolha de alimentos, de roupas, de brinquedos, sessões de informação, debates, entre outras.

Estando inserido na área da Junta de Freguesia de Marvila e pelas características desta zona de Lisboa sentimos uma maior responsabilidade em desenvolver esforços dirigidos à comunidade local.

E como é gratificante constatar que alunos, funcionários, professores e pais se envolvem em ações e causas comuns.

Por exemplo, na campanha "Super-Valsa", que se realizou durante o passado mês de dezembro, o Colégio Valsassina entregou à Junta de Freguesia de Marvila, quatrocentos quilos de produtos alimentares a fim de serem distribuídos por famílias carenciadas da freguesia, contribuindo também com donativos de brinquedos. Obrigado a todos, pais, alunos e funcionários, que contribuíram, em conjunto com outras instituições locais, para ajudar 330 lares de famílias marvilenses.

Ao longo da sua história, o Colégio Valsassina tem assumido uma postura de conciliação entre desenvolvimento económico, responsabilidade social e pro-

teção do ambiente, suportada numa cultura de valores de ética, verdade, justiça e respeito por todos aqueles com quem interage. Nesse sentido, procuramos adotar uma atitude participativa, cumprindo plenamente a nossa responsabilidade perante alunos, pais, colaboradores, fornecedores e meio envolvente.

Para uma efetiva internalização das questões sociais no dia-a-dia do escola, a educação para os valores é transversal a todo o projeto educativo do Valsassina, sendo estimulada em todos os momentos da vida da escola, dentro e fora da sala de aula, na relação da escola com a família e com a sociedade.

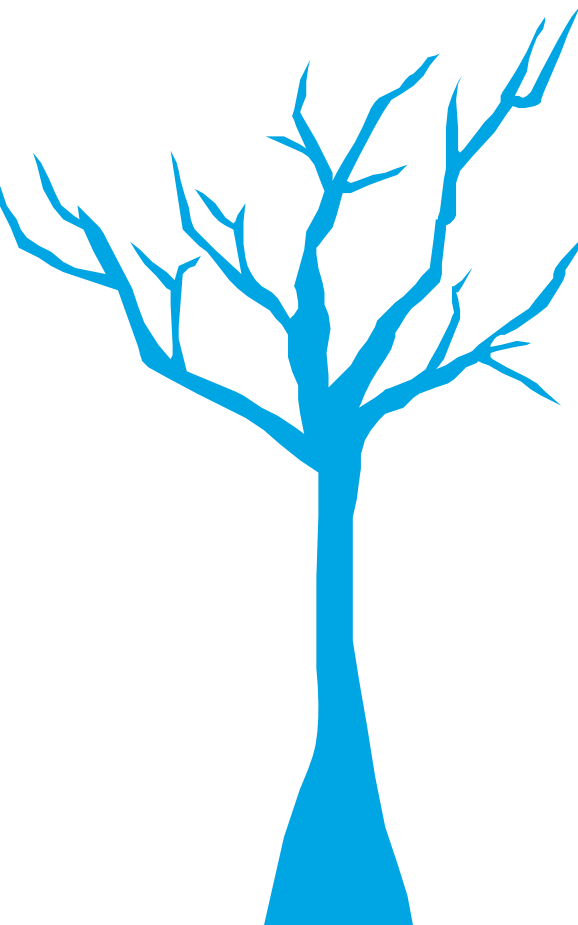
Do Jardim de Infância ao Ensino Secundário, desenvolvemos o juízo moral, clarificando valores, ensinando a escolher depois de ponderar, assim como agindo em conformidade com essas escolhas.

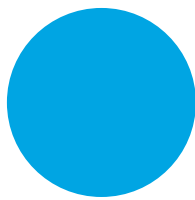
Ao definir a sua missão e visão, o seu caráter próprio de Colégio laico e os aspetos básicos da sua identidade humanista, o Valsassina revela os valores que privilegia. Dialogar, debater sem impor, dar o exemplo, promover escolhas com critério, em suma, clarificar, é o caminho que ajudamos os nossos alunos a seguir.

A educação para os valores realiza-se assim em todos os momentos, permeia o curriculum e também todas as interações interpessoais na escola e as relações desta com a família e a sociedade.

Em suma, os desafios do nosso tempo exigem a revitalização dos laços de cidadania, no sentido da maior participação na vida social e política, num contexto de abertura pessoal aos valores cívicos. É por isso que todos os dias trabalhamos para que os nossos alunos venham a ser cidadãos:

- **conscientes** dos seus direitos e responsabilidades;
- **informados** acerca dos temas políticos e sociais;
- **preocupados** com o bem-estar dos outros;
- **coerentes** nas suas opiniões e argumentos;
- **influentes** através da sua ação;
- **ativos** na vida da comunidade;
- **responsáveis** na sua ação cívica.





em destaque

Educação e desenvolvimento: a importância das questões sociais

Fátima Claudino Comissão Nacional da UNESCO



“A escola deve ser observada como promotora de integração social e participação democrática, incentivada pela prossecução de boas práticas.”

“Perante os múltiplos desafios suscitados pelo futuro, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”

Jacques Delors, 1996, Educação, um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI”

Quando a constituição da UNESCO foi adotada em 16 de novembro de 1945, depois da humanidade ter assistido à mais devastadora guerra da história, foi acordado que a solidariedade humana seria encontrada pela aproximação das comunidades humanas em torno da causa “construir a paz nas mentes dos homens” – uma vez que “as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que os baluartes da paz devem ser construídos”¹. Constatamos que este Ato Constitutivo foi tão visionário na época que ainda continua a sê-lo na atualidade. A paz deve continuar a ser fundada na solidariedade moral e intelectual da humanidade. **Pensar globalmente e agir localmente** surge-nos como um lema importante no contexto educativo baseado nos quatro pilares de Educação Delors, e especialmente centrado no quarto pilar “Aprender a viver juntos”².

Lançado em setembro de 2012 pela UNESCO, o projeto “Education First”³, tem como grandes prioridades: colocar todas as crianças na escola, melhorar a qualidade de aprendizagem e promover uma cidadania global. Esta, foi uma decisão histórica ao ser reconhecida à educação o poder para construir sociedades orientadas para as necessidades práticas das suas comunidades. As políticas educativas devem ser suficientemente diversificadas de modo a que não sejam criados focos de exclusão social e assim promover um sistema que se empenhe na contribuição, integração e respeito pelos direitos individuais. A escola deve ser observada como promotora de integração social e participação democrática, incentivada pela prossecução de boas práticas.

Desde sempre as sociedades foram abaladas por conflitos gerados por diversos fatores. Atualmente, as questões sociais são vinculadas a desigualdades sociais que incluem entre outras a pobreza, discriminação, e violência numa rutura de laços entre famílias, vizinhos, habitantes do mesmo país e do mundo. Neste entorno, a educação pessoal e social do jovem supõe o desenvolvimento de competências face às exigências quotidianas numa perspetiva de educação ao longo da vida como finalidade do desenvolvimento humano.

“Olhar a escola como um centro de excelência na promoção do pensamento crítico e de consciencialização para ajudar a cultivar e instituir uma sociedade melhor”

Educação e desenvolvimento têm em si princípios orientadores definidores, como sejam a equidade, a solidariedade e a justiça social. Neste pressuposto, a Rede das Escolas Associadas da UNESCO (SEA) tem em si a função essencial de experimentar, desenvolver e aplicar métodos educativos para o desenvolvimento sustentável e que constituem práticas exemplares e de referência para as outras escolas da comunidade educativa local e nacional. Uma escola SEA UNESCO tem a responsabilidade de ser um agente mobilizador e dinâmico de atividades que possam gerar o envolvimento da comunidade educativa em ações que promovam ambientes literatos diversos no pressuposto de que a literacia contribui para uma melhor cidadania.

É importante refletirmos sobre o papel continuado da escola no fomento da justiça social, igualdade do género, direitos humanos e também nos cuidados de saúde. Olharmos a escola como um centro de excelência na promoção do pensamento crítico e de consciencialização para ajudar a cultivar e instituir uma sociedade melhor.

¹Preâmbulo do Ato Constitutivo da UNESCO, Paris, 16 de novembro de 1945

²Delors, J. 1996, “Educação, Um Tesouro a Descobrir – Relatório UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação Para o Século XXI, UNESCO”, Porto, Edições Asa

³http://www.unesco.org/new/en/media-services/single-view/news/irina_bokova_joins_un_secretary_general_to_launch_his_new_global_education_first_initiative/.



em destaque Décadas de solidariedade

Ana Paula Oliveira Professora de Educação para a Cidadania

Vivemos uma época plena de exclusão social e discriminação na qual ganha um sentido maiúsculo uma real educação para a solidariedade; solidariedade criadora de uma nova consciência social dos jovens cidadãos e que lhes permite abrir horizontes para a diversidade do “outro”. A escola tem o dever de contribuir, formando cidadãos conhecedores dos problemas e responsáveis dos mesmos; uma compreensão adequada dos novos fenómenos sociais por parte dos cidadãos e, sobretudo, por parte dos jovens que a escola ajuda a formar, pode contribuir para transmitir, como dever, uma sensibilidade social.

Educar é comunicar. Há que desenvolver mecanismos de comunicação que permitam construir novos imaginários sociais que ajudem a uma maior participação, trabalho e “o empenhamento em tarefas que visam o bem comum e a solidariedade para com os demais” (in Projeto Educativo do Colégio Valsassina) entre os membros da comunidade.

Mais de uma década encerra a memória do trabalho que se tem realizado no nosso Colégio, das preocupações sentidas, das dificuldades ultrapassadas e do apoio incondicional de todos os que tornaram possível o nosso propósito: cumprir a palavra Solidariedade! Foi assim possível levar uma vida mais digna a famílias, lares da terceira idade e crianças da freguesia em que se insere o colégio. Dar um pouco de conforto aos sem-abrigo e participar, de forma sistemática, em peditórios anuais, unirmo-nos a grandes causas, promover bancas de venda, dinamizar campanhas e vivenciar o trabalho de campo de ONG'S.

O trabalho que foi e é desenvolvido permite dar ao jovem de hoje, adulto de amanhã, uma força interior que o leve a assumir o civismo e os princípios da solidariedade nos comportamentos públicos quotidianos sublinhando-se sempre a ideia de um futuro e destino comuns, onde se realça a complementaridade entre direitos e deveres.

Peditórios e vendas anuais

AMI – peditório nacional
Ass. Portuguesa Amigos de Raul Follereau – peditório anual
Fundação Portuguesa de Cardiologia – peditório nacional
Movimento ao Serviço da Vida – venda anual de t-shirts
Venda do Pirlampo Mágico a favor da CERCI
Venda de natal a favor da UNICEF
Venda do Telhadinho a favor da CEDEMA

Memórias de solidariedade

1992
Brinquedos
Internato S.João (Lisboa); Cadeira de Caxias; Hospital D. Estefânia; Casa do Gaiato e Stª Casa da Misericórdia (Marvila)

1999

Bens alimentares enlatados para a população sem-abrigo
AMI, Marvila

2000
Angariação de fundos para a compra de uma cadeira de rodas
Liga Portuguesa de Deficientes Motores, Ajuda

2000

Angariação de fundos para oferta de uma bolsa para aulas de hipoterapia
Ass. Portuguesa de Paralisia Cerebral (núcleo regional do sul)

2001

2002
Bens alimentares e artigos de higiene a famílias carenciadas de Marvila
Apoio às Irmãs Adoradoras do Lar Madre Sacramento
Roupa por estrear (roupa interior, pijamas, roupões, chinelos) e fraldas
Lares carenciados da freguesia de Marvila

2002

Sacos-cama e cobertores para a população sem-abrigo
Comunidade Vida e Paz

2003

“Brincar com os colegas que não têm amigos”

Catarina Ferreira 5º B

“Ajudar os que precisam”

Mafalda Pinto 5º B

“Ajudar as pessoas doentes”

Beatriz Sousa 5º B

“Ajudar os meninos que têm dificuldade na escola”

Mariana Fonseca 5º B

“Ler histórias aos que não sabem ler”

Luís Aguiar 5º B

“Não incomodar os outros enquanto estão a estudar”

Diogo Iria 5º B

Alunos de Cidadania do 5º B

Livros infantis

Creche e Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia – Vale Fundão, Marvila
Contribuição em géneros alimentares para a Festa de Natal da Comunidade Vida e Paz.

Decoração da cantina da Cidade Universitária (anual) Ceia de natal da Comunidade Vida e Paz
Recolha de material escolar para Angola e S. Tomé e Príncipe (2004)
Campanha “Educar na Solidariedade” da Fundação Pro-Dignitate

As minhas responsabilidades para com os outros

Nós, como cidadãos, devemos respeitar os nossos deveres para com a sociedade.

Devemos ter noção daquilo que se passa à nossa volta e no mundo em que vivemos, devemos tratar todos como iguais e ajudar quem necessita cooperando em iniciativas como campanhas de solidariedade.

Temos de respeitar os outros para que estes nos respeitem a nós. Temos o dever de pensar nos outros como pensamos em nós.

Somos cidadãos e vivemos no mesmo mundo. Assim, pensar no outro cidadão, como nós, é extremamente importante, pois, pensar no outro é, também, respeitá-lo, porque precisamos de compreender o outro para nos compreendermos a nós.

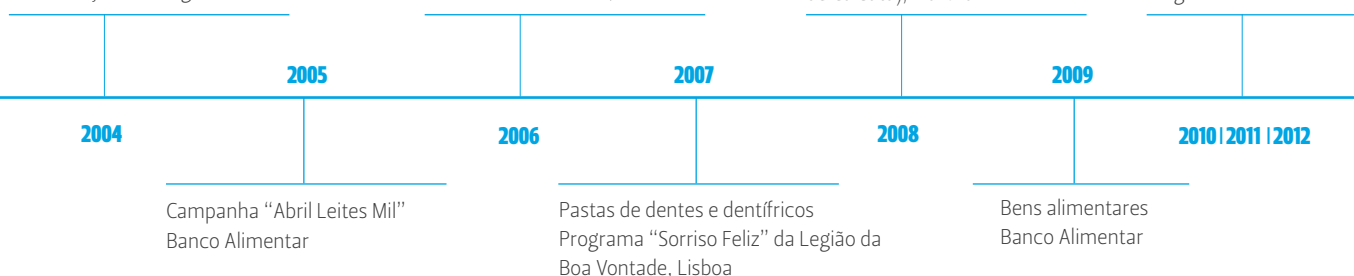
Todos temos os mesmos direitos e deveres e se os respeitarmos estamos a contribuir para o bom funcionamento da sociedade.

Alunos de Cidadania do 6º A

Livros infantis usados para campanha “Dê uma nova vida aos seus livros escolares usados, entregue-os no Livrão”
Banco de Bens Doados – Entreatada, Lisboa

Bens alimentares Missionárias da Caridade (Irmãs de Calcutá), Marvila

Livros escolares para Cabo Verde e Timor (2010/11)
Bens alimentares para a paróquia de Santa Clara (Marvila) e Junta de Freguesia de Marvila



em destaque **Sensibilidade Social**

Cláudia Varela Técnica de Acompanhamento à Formação e ao Emprego da Escola de Produção e Formação Profissional da Fundação LIGA

“Numa época em que o mercado é cada vez mais globalizado e em mudança constante, a principal característica diferenciadora das empresas será a sua capacidade de rápida adaptação à mudança e poderem elas próprias influenciar os processos de mudança”

Atualmente tem-se verificado a crescente preocupação das empresas, na aceitação e integração de pessoas com deficiências e incapacidades, através de acordos de parceria, nomeadamente na figura da formação prática em contexto de trabalho (estágio). O desenvolvimento de parcerias constitui um dos vetores principais da estratégia da ação da Fundação LIGA, numa perspetiva de “complementaridade, de rentabilização de recursos e de criação de sinergias”.

A parceria estabelecida com o Colégio Valsassina para a prestação de serviços a clientes da Escola de Produção e Formação Profissional, visa o desenvolvimento da componente de formação prática em contexto de trabalho de formandos com condicionamentos da sua mobilidade física, intelectual ou outros, para consolidar as competências adquiridas em contexto de formação e adquirirem novas capacidades, através do exercício profissional em contexto real de trabalho. No caso desta parceria, foi possível orientar alguns formandos para a consolidação de competências nas áreas de operador de jardinagem e de cozinha para dois estagiários.

Esta atitude empresarial é socialmente valorizada e projeta a imagem da empresa de uma forma positiva promovendo a igualdade de oportunidades e uma atitude positiva face a pessoas com condicionamentos da sua funcionalidade. É importante ainda reforçar que o envolvimento de todos os atores – chave é vantajoso para a satisfação das partes envolvidas e para o sucesso da formação prática em contexto de trabalho (estágio). Estas estratégias proporcionam aos empresários uma oportunidade para se assegurarem que a pessoa possui as competências necessárias para função e ao mesmo tempo permite que a pessoa com deficiências e incapacidades conheça e se adapte aos métodos de trabalho da empresa, desenvolva o sentido de responsabilidade e fortaleça o seu perfil de competências, para o sucesso numa eventual integração profissional.

No sentido de maximizar este sucesso, a equipa pedagógica da Fundação LIGA, atua de forma preventiva no acompanhamento dos estagiários e promove, em conjunto com o Tutor e Responsável da empresa, reuniões mensais no local, de forma a obviar alguns problemas que possam ocorrer e promovendo igualmente um acompanhamento personalizado do estagiário. É realizada uma avaliação, efectuada com a presença de todos os intervenientes da parceria, baseada na apreciação das actividades desenvolvidas assim como das competências psicossociais dos estagiários.

Numa época em que o mercado é cada vez mais globalizado e em mudança constante, a principal característica diferenciadora das empresas será a sua capacidade de rápida adaptação à mudança e poderem elas próprias influenciar os processos de mudança, nomeadamente através da celebração deste tipo de parcerias, permitindo uma intervenção multidimensional e integrada, incluindo a pessoa com deficiência e incapacidade e a sua família, orientada no respeito pela identidade e singularidade de cada um.

Em suma, o sucesso destas parcerias depende, para além da vontade e empenho do estagiário e do envolvimento da equipa pedagógica que realiza o acompanhamento, da sensibilização e abertura do tecido empresarial. **Torna-se, por isso, imperativo desenvolver todo o tipo de esforços e estratégias no sentido de continuar a promover o desenvolvimento de parcerias que vão ao encontro das necessidades e expectativas de todos os intervenientes, com ganhos expressivos para ambas as partes.**

“promoção de uma nova cultura social de reconhecimento da Pessoa, da sua singularidade dentro de uma tão grande diversidade humana”

Tínhamos em casa uma planta frágil

Encarregados de Educação

Tínhamos em casa uma planta frágil. Cresceu, cresceu... Ganhou forma de árvore forte e grande mas na sombra da sua robusta copa escondem-se algumas fragilidades. Olhamos por ela todos os dias. Regamo-la com amor e adubamo-la com carinho.

Contemplamo-la.

Continua a crescer. A crescer e a ser frágil. Apesar de frágil as suas folhas são lindas. Iguais às folhas das outras árvores. E dá flores. Flores que brilham como as flores das outras. Só que é mais frágil e mais indefesa.

Aos nossos olhos a nossa pequena planta é até mais bonita. Só precisa de mais proteção. E foi isso que ela encontrou no Colégio Valsassina.

Um jardim onde a nossa planta está durante o dia. Onde encontrou o apoio e a compreensão que permite que os outros a vejam como nós. Uma planta. Diferente, mas uma planta.

A nossa planta hoje faz parte integrante da Floresta, possibilidade que se criou através de uma “ponte” entre a Fundação LIGA e o Colégio Valsassina, que unindo, fortaleceu a margem da sensibilidade e a da compreensão, duas realidades que se ligam e se alimentam mutuamente.

Bem hajam, por ajudarem a crescer esta maravilhosa planta e por contribuírem, como agentes transformadores, de forma efetiva para a promoção de uma nova cultura social de reconhecimento da Pessoa, da sua singularidade dentro de uma tão grande diversidade humana.



em destaque **O valor Solidariedade...**

Vitor Silva¹ e Rita Ramos² Antigos Alunos do Colégio Valsassina.

¹Atualmente estudante de Engenharia Eletrónica e Telecomunicações e de Computadores no IST. ²Atualmente estudante de Engenharia Informática no ISCTE.

“O que eu faço, é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor”

Madre Teresa de Calcutá

Quando nos foi atribuído o prémio sensibilidade social, sentimo-nos bastante gratificados pelo mesmo; mas acima de tudo, ficamos agradecidos aos nossos pais e ao Colégio por nos terem inculcado, desde pequenos, o valor Solidariedade.

De facto, o Colégio teve um papel fundamental, pois ensinou-nos a dar atenção ao que nos rodeia e a agir, em vez de ficarmos indiferentes aos problemas da sociedade. Essa formação foi-nos sobretudo inculcada pelos professores e coordenadores. Lembrámo-nos, em especial, da professora de geografia Patrícia Avões, que nos explicou que cada um de nós, mesmo com pequenas ações, pode contribuir para melhorar o mundo. E, claro, do nosso Professor de Religião e Moral, Paulo Vitória, que em cada aula nos alertava para ajudarmos o próximo.

Desde que começámos a fazer voluntariado fomos-nos apercebendo que, com o degradar da conjuntura atual, cada vez mais portugueses se encontram numa situação delicada. Deparamo-nos com tal, sobretudo, nas ações noturnas de distribuição de comida aos sem-abrigos de Lisboa. Como foi o caso de, numa noite, termos visto duas pessoas relativamente bem vestidas: um pai e um filho, que tinham casa, mas não tinham dinheiro para a comida.

No entanto, também notámos que a solidariedade dos portugueses tem aumentado. Ainda hoje nos lembramos do que uma senhora nos disse, quando estávamos no supermercado como voluntários do Banco Alimentar, com os sacos nas mãos, à espera que as pessoas contribuíssem com comida: “Eu tenho pouco, mas ainda há quem tenha menos. Por isso, vou ajudar.”

Ainda bem que também tivemos a possibilidade de desenvolver alguns projetos de Voluntariado no Colégio por termos pertencido à Associação de Estudante do Colégio Valsassina.

Tudo começou, no Inverno, com a campanha de recolha de roupas para a Comunidade Vida e Paz destinada aos sem-abrigo. Esta ideia surgiu porque é, nesta estação, que eles mais sofrem devido às baixas temperaturas associadas e à chuva.

Na segunda campanha tentámos angariar a maior quantidade de comida possível para os cães e gatos, pois a União Zoófila defrontava-se com o escassear de rações. Aí a ideia surgiu graças à professora de inglês, Ana Paula Gouveia, que nos alertou para a situação precária desta ONG.

Por fim, escolhemos fazer uma campanha para o Banco Alimentar, já que é a instituição mais reconhecida na luta contra a fome, um problema que assume proporções cada vez maiores devido à crise económica.

Felizmente, as campanhas foram um sucesso, graças à contribuição da maioria dos pais, dos alunos, dos docentes do Valsassina e do apoio da direção do colégio: obrigada a todos!

Estes e outros projetos que já tivemos levaram-nos a relativizar os nossos problemas do dia-a-dia e a dar menos importância ao que é supérfluo na vida.

Atualmente continuamos a dedicar parte do nosso tempo em projetos de Voluntariado e, temos a intenção de, muito em breve, estarmos um mês no estrangeiro como Voluntários.

Sensibilidade vs Intervenção social

Isabel Fraga Vogal da Educação, Ação Social e Saúde. Junta de Freguesia de Marvila.



Separação dos produtos alimentares recolhidos durante a campanha SuperValsa, que decorreu no passado mês de dezembro



**Decoração de uma das árvores de Natal da Junta de Freguesia de Marvila
Dezembro 2012**

A Junta de Freguesia de Marvila, à semelhança do que acontece no nosso país, também é um território atingido pela grave crise social e económica. Perante este cenário muitas das nossas famílias estão a lutar diariamente com a falta de recursos económicos, perda de emprego, perda de habitação e, chocantemente, falta de alimentação para o dia-a-dia. Todas, necessidades básicas que atualmente não estão a ser asseguradas a inúmeras pessoas e de forma mais preocupante a crianças.

Face a este grave problema social a Junta de Freguesia de Marvila, para perceber as necessidades e capacidades das pessoas e de forma a poder dirigir-se a cada uma individualmente, teve de repensar a sua intervenção social, alargando o âmbito das suas respostas sociais.

Neste sentido, o plano de atividades da junta de Marvila pleiteou a criação do “Fundo de Emergência Social”, destinado a apoiar financeiramente famílias carenciadas em situação de grande emergência. Ou seja, despesas essenciais ao suporte básico de vida” a que os agregados não consigam dar resposta. Entre elas, pagamentos de contas em atraso de água, eletricidade ou gás; medicamentos ou deslocações a consultas médicas de “necessidade fundamental ao suporte de vida”; pagamento de refeições ou aquisição de bens alimentícios.

Também está a decorrer o programa “ Marvila Freguesia Solidária”, criado para as instituições da freguesia, através de candidatura, para que estas possam dar apoio direto à população.

Criámos e está em funcionamento a Loja Solidária, destinada aos marvilenses carenciados, que tem recebido diversos donativos benévolos de particulares e instituições da freguesia. O seu funcionamento só é possível devido ao compromisso do grupo “Marvila Voluntária”, em prol da comunidade.

Para além destes programas, promovidos pela junta de freguesia, devemos também salientar as diversas instituições sediadas na freguesia que, a título individual, manifestam ativamente a sua “responsabilidade social” para com toda a população marvilense. Foi exemplo disso, o tema “Marvila a minha Comunidade Natal, só possível devido à colaboração de inúmeras entidades, nomeadamente o Colégio Valsassina, a RTP, Associação Ester Janz, Agrupamento de Escolas de D. Dinis, Novabase, Associação de Solidariedade Social Próximo Presente, assim como as empresas Vibeiras e Pingo Doce.

Todas as entidades referidas doado alimentos e/ou brinquedos para os cabazes, permitindo a concretização do objetivo de levar um gesto solidário a 330 famílias, incluindo 411 crianças.

Verificamos, com muito agrado, que os marvilenses sentem o espírito do “Marvila é uma responsabilidade de todos”.

educar para a responsabilidade e sustentabilidade

“superar a desigualdade social e económica e promover a solidariedade inter e intra-geracional, paz e estilos de vida responsáveis”



Educação ambiental para a sustentabilidade: um contrato com o futuro

Francisco Teixeira Diretor do Departamento de Promoção e Cidadania Ambiental.
Agência Portuguesa do Ambiente

“Precisamos de uma austeridade, esclarecida e voluntária, que promova uma prosperidade de baixo impacto ambiental. Precisamos de uma nova mentalidade que deixe de olhar para a Natureza como objeto de domínio e conquista, antes vislumbrando nela a única habitação cósmica da humanidade passada, presente e futura.” **Viriato Soromenho-Marques, 2012**

A objetividade da crise ambiental global não carecerá de mais páginas dos jornais para comprovar a libertina relação entre humanidade e natureza; a interdependência e solidariedade, evidentes e ausentes nas transformações que ocorrem à nossa volta, evocam e exigem uma reflexão sobre a forma como nos devemos relacionar com o Ambiente. O planeta sempre esteve em mudança, muito embora não com a escala, velocidade e influencia humana registadas na atualidade.

Se ainda somos capazes de refutar um mundo de futuro fechado, que espera panaceias tecnológicas e se prostra ao crescimento económico contínuo, a demanda necessita concentrar-se na aquisição de (novos) valores e atitudes – a construção de um novo comportamento individual e coletivo – propósito humanista de cidadania e de sustentabilidade da Educação Ambiental. Porque o sentido da palavra ética deve apelar à construção de relações de partilha e comunidade, projeção primeira da própria condição humana.

A RIO+20 – *Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável*, que reuniu (no ano passado) no Rio de Janeiro vinte anos depois da histórica conferência Rio-92, veio reafirmar que a educação é fundamental para alcançar o desenvolvimento sustentável, nomeadamente promovendo economias verdes e sociedades sustentáveis, para superar a desigualdade social e económica e promover a solidariedade inter e intra-geracional, paz e estilos de vida responsáveis.

Do mesmo modo e também em 2012, a TBILISI+35 – *Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável* veio asseverar que os objetivos traçados em 1977, na Geórgia, continuam de capital importância hoje. Uma hierarquização, em três níveis, das dimensões da Educação Ambiental, como expresso na Declaração de Tbilissi, patenteia uma intervenção de base sobre os domínios da *sensibilidade, informação, competências e motivação* (considerar, inscrever e conhecer conteúdos, usar meios afetivo-cognitivo-psicomotores, potenciar aprendizagem e ação) para que e em consequência, as dimensões *consciência e atitudes* (conhecer e irradiar dinâmicas), de segundo nível, possam ser operadas, no grau de topo, a participação contínua, estágio de intervenção crítica, responsável e permanente. Há aqui uma renovada proposta de atualização do paradigma da educação que ainda hoje deve ser objeto de atenta reflexão.

“Aos cidadãos depara-se o compromisso de aprender a refletir criticamente sobre o (seu) lugar no mundo, questionando o que é que a sustentabilidade significa para si e para as suas comunidades”



Ainda que os primeiros exercícios associados à Educação Ambiental em Portugal se associem ao final dos anos 40 do passado século, com especial vigor nas décadas de 70 e 80, há, desde 1996, cooperante trabalho das tutelas de Educação e Ambiente junto da população e das comunidades escolares, envolvendo as organizações não-governamentais e administração pública, local e desconcentrada, promovendo o reconhecimento da Educação Ambiental, garantindo apoios, participação em processos de tomada de decisão, acesso a informação e projetos internacionais ou disponibilizando formação e apoio técnico especializado.

Há, portanto, extenso património nacional (conceptual e de experiência) nos documentos estratégicos internacionais que estão na origem das políticas globais para a Educação para o Desenvolvimento Sustentável que é garante suficiente para o enquadramento das iniciativas presentes e futuras.

Numa perfeita prova de maturidade da dinâmica da Educação Ambiental continua a testemunhar-se uma crescente, ampla e diversa ação de empresas, universidades, municípios, comunidades transfronteiriças e organizações não-governamentais abrangendo, numa escala muito pródiga, a população nas questões do Desenvolvimento Sustentável.

O momento é tão diferente como mais exigente e a informação a que rapidamente se tem acesso permite a iniciativa dos cidadãos, também num associativismo informal e com base nas plataformas das redes sociais, por causas concretas e locais, ou por aquelas que nos afetam globalmente.

O contexto da *Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável* (2005–2014), proclamada pelas Nações Unidas e implementada pela UNESCO, tem evidenciado um extraordinário leque de programas e ações, de iniciativa tanto pública como privada, destinados, quer a comunidades escolares ou profissionais específicas, quer à população em geral, testemunho e cooperação em que a Agência Portuguesa do Ambiente se tem ativamente envolvido.

Aos cidadãos depara-se o compromisso de aprender a refletir criticamente sobre o (seu) lugar no mundo, questionando o que é que a sustentabilidade significa para si e para as suas comunidades. Os alunos, em particular, já estão envolvidos nas questões ambientais, seja na experiência pessoal e compromisso emocional, seja na aprendizagem e investigação interdisciplinar e mesmo na necessária intervenção social.

A cidadania ativa e responsável que reclamamos pode e deve ser desenvolvida através da educação ambiental. Enquanto aprendizagem para uma forma de vida mais sustentável a educação ambiental assume urgência inquestionavelmente reconhecida; paradoxalmente, essa prioridade observa-se com mais complexidade na expressão quotidiana da nossa cidadania, pois parece que continuamos a ter relutância em entender os temas ambientais e sua potenciais resoluções de modo sensato e permanente.

Faltar-nos-á certamente um pensar criativo e uma boa vontade em construir sobre as ideias dos outros, à maneira de Matthew Lipman.

educar para os valores

Solidariedade no estado de natureza e no estado civil

Cláudia Viana Professora de Filosofia e de Filosofia para Crianças

“ a solidariedade é a tomada de consciência de certos problemas, consequência da liberdade e vontade de alguém que decide doar o seu tempo desinteressadamente para atender a imperativos de causa e até mesmo para lutar por um ideal e comprometimento com a causa”

O meu contributo neste painel é o de afirmar a solidariedade como fenómeno permanente na história do homem e das civilizações humanas. E para o fazer, vou falar de solidariedade a partir da moral natural em Rousseau e, posteriormente, a partir dos direitos sociais.

Conjeturemos o momento em que o homem se encontrava no seu estado primitivo, estado em que, segundo Rousseau, as simples operações da alma humana se resumiam em dois princípios anteriores à razão: um primeiro que diz respeito ao bem-estar e conservação do ser próprio (amour-de-soi) e um outro que revela a repugnância natural ao ver sofrer todo o ser sensível, em particular, o ser semelhante (piété, piedade natural ou compaixão). A natureza, lugar universal de igualdade e comunhão entre todos os seres, é equiparada à moral, uma moral natural, cujo sentido se define sumariamente como a procura de bem-estar e sensibilização do indivíduo com o sofrimento do outro, em que o sofrimento do outro é também sofrimento do eu. A compaixão não consiste no colocar-se no lugar do outro que sofre ou na imaginação de sofrer a sua dor em seu lugar, mas na identificação entre este Eu e Outro em um Nós (outros filósofos como Schopenhauer e Rorty partilham esta ideia, Rorty referindo-se ao conceito de solidariedade).

Porém, tais princípios degeneraram aquando da transição para a vida em sociedade, seja para enfrentar adversidades internas (enfermidades naturais como a doença ou a velhice) ou exteriores (adversidades climatéricas ou inimigos). A genuinidade do ser humano (bom em si mesmo) metamorfoseou-se em lei artificial do mais forte, ideia de propriedade, perfectibilidade não neutra e comparação com o outro, amor-próprio e moral artificial. A instituição da magistratura, o poder arbitrário e o direito positivo geraram desigualdades morais e políticas, consentidas pelo homem (ROUSSEAU, 1755).

Da análise dos seus escritos, não encontramos o desejo de regresso ao estado de “quatro patas” mas o desejo de recuperação da autenticidade e igualdade do ser, da moralidade natural. Mas como aceder à ideia de originário (naturelle) que já não existe? A sua investigação da divisão do género humano propôs, então, um contrato social, sinónimo de vontade geral e não de um somatório de vontades particulares e egoístas. Cada membro da sociedade abdicaria sem reserva dos seus direitos em favor da comunidade, obedecendo à lei, decisão do todo voluntariamente formado. Assim garantir-se-iam os valores do estado de natureza. (ROUSSEAU, 1762) A sociedade, para si fenómeno natural à espécie humana – pense-se na importância da palavra para a formulação de ideias e comunicação – torna-se perigosa se avançar depressa demais para a perfectibilidade da espécie. A razão humana traz a armadilha de um fechamento sobre si, de um egoísmo e amor-próprio, que gera desigualdades, mas não é sinónimo de apagamento de virtudes naturais. Daí a ideia de desmembramento dos grandes Estados, noutros mais pequenos, a fim de garantir a igualdade.

Ora, a instituição de quaisquer contratos sociais, diz-nos a História, não parece ter minimizado o antagonismo de interesses e a existência de desigualdades de várias ordens. Os novos Estados-Sociais ou Estados de bem-estar – na sua formulação moderna – introduzem a expressão constitucional dos chamados direitos sociais fundamentais. Novos na história do mundo, eles são outra tentativa de garantir a harmonia do todo.



**Alunos voluntários na
Campanha “Pirilampo Mágico”
(CERCI)**

A enunciação dos fins destes Estados pode formular-se na ideia de bem comum: segurança, justiça e bem-estar. Entenda-se, agora, bem-estar como desenvolvimento económico, social e cultural, bem como a realização da coesão social através de uma justiça redistributiva de oportunidades e de prestações sociais, em cumprimento de um princípio de solidariedade social. Se tivermos em conta a natureza dos direitos entendemos: os direitos naturais ou fundamentais pessoais, sobre os quais o Estado se funda, como a autonomia individual e liberdades fundamentais, em que há uma preeminência da pessoa perante a sociedade e o Estado (CRP, Parte I, Título II, Capítulo I); os direitos fundamentais políticos ou direitos cívicos, em que o poder dos cidadãos é o fundamento, a base e o controlo do poder político (CRP, Parte I, Título II, Capítulo II); e os direitos fundamentais sociais (direitos económicos, sociais e culturais) que exigem prestações da sociedade ou do Estado, que visam dar expressão à solidariedade social e oferecer a todos uma base de igualdade de oportunidades sociais e de satisfação de necessidades (CRP, Parte I, Título III). Estes últimos são os princípios de solidariedade social e da subsidiariedade do Estado, em que a sociedade e o Estado são condição e instrumento da felicidade das pessoas. Todavia, a força jurídica destes direitos sofre da sua própria natureza pois dependem da vontade do legislador ordinário, salvo os casos constitucionais (MARIO PINTO, 2003).

Por conseguinte, podemos afirmar que as liberdades (e as vontades) pessoais precedem os direitos sociais, que estes servem as liberdades e que estas podem dar atenção e exercer cuidado sobre os que carecem de tais condições. Neste sentido, a solidariedade é a tomada de consciência de tais problemas, consequência da liberdade e vontade de alguém que decide doar o seu tempo e conhecimentos desinteressadamente para atender a imperativos de causa e até mesmo para lutar por um ideal e comprometimento com a causa.

Estabelecido o cenário, constata-se a permanente presença da solidariedade na história do homem como comunhão de destinos, estabelecimento de compromissos, ajuda desinteressada e convicção de justiça e igualdade. Mas ainda permanece a controvérsia antiga: a praxis política como instrumento do bem comum versus a conflituosidade humana que remete para a utopia de um fim político que coincida com o bem coletivo.



**educar para
os valores**

**“Os problemas
nunca vão
desaparecer,
mesmo na mais
bela existência.
Problemas
existem para
serem resolvidos”**



O voluntariado na comunidade Vida e Paz

Isabel Oliveira Gestora de Voluntariado. Coordenação das Equipas de Rua. Comunidade Vida e Paz

Desde 1989, a **Comunidade Vida e Paz** reconstrói projetos de esperança daqueles que têm como cama as ruas da cidade de Lisboa.

Um grupo de católicos, desde logo percebeu que era urgente intervir, não perdendo a oportunidade de sair para a rua para trocar as primeiras palavras junto das pessoas sem-abrigo.

O empenho, a dedicação dos voluntários e até mesmo a ajuda das pessoas sem-abrigo era muita, mas começou a sentir-se a necessidade de ir mais além, de ter espaços físicos com capacidade para acolher e encaminhar todas as pessoas que estavam dispostas e motivadas a dar um novo rumo à sua vida.

Com a generosa contribuição de todos, foi possível passar-se do sonho à ação. Devagar e com alguns anos de persistência, nasceram as Equipas de Rua, o Espaço Aberto ao Diálogo, as Comunidades Terapêuticas, as Comunidades e Apartamentos de Reinserção, a Unidade de Vida Autónoma, o Acompanhamento Pós-Alta e a Empresa de Inserção.

Passado o ano internacional do voluntariado importa reflectir sobre esta grande actividade de cidadania que nos toca a todos nós, quer directamente pela acção de entreatajuda, quer indirectamente, pelo conhecimento que temos do amor e dedicação dos nossos familiares e amigos a inúmeras causas.

Ser voluntário implica abrir o coração, permitindo-nos aproximar de quem de nós mais precisa, de espírito aberto. Exige uma grande entrega de nós, do nosso tempo, energias, emoções, obrigando-nos a enfrentar a dura realidade da vivência humana, e da incapacidade do Homem comum em aceitar a diferença.

A meu ver, a expressão máxima do voluntariado na Comunidade Vida e Paz, reside no trabalho das equipas de Rua, uma acção solitária, de primeiro contacto com a pessoa sem abrigo, no fundo a única parte para a mudança de vida de quem estamos a ajudar.

Em suma, perante a adversidade são os nossos voluntários que exaltam os nossos valores, mantendo-nos mutuamente motivados.

Para o telhado de uma grande casa que é a Comunidade Vida e Paz, conseguimos com o Projeto Escolas sensibilizar os alunos para esta problemática, quiçá começando, assim, uma nova geração de voluntários que tornará o futuro desta instituição e das comunidades em geral mais rico, justo e cooperante.

Como diria o grande psiquiatra brasileiro Augusto Curry, **“Os problemas nunca vão desaparecer, mesmo na mais bela existência. Problemas existem para serem resolvidos, e não para perturbar-nos. Assim conseguiremos continuar a nossa caminhada para um mundo melhor”**.

Sensibilidade social e vida em comunidade

Isabel Jonet Presidente do Banco Alimentar

Apesar das grandes alterações registadas nos últimos anos a nível histórico, político e económico, que implicaram mudanças profundas na vida dos homens e das sociedades, o apelo à consciência, à mobilização colectiva para o Bem comum são muito importantes. A luta pela justiça social deve ser conduzida a começar, desde logo, pelas mais pequenas células, as famílias, as empresas, as organizações e instituições de um determinado país ou região, para depois se estender ao mundo, de forma global.

Hoje mais do que nunca dada a dimensão mundial que a pobreza e a questão social assumiram, há que ter atenção pelas pessoas com fome, sem casa, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor. Portugal é um dos países da Europa com maior taxa de pobreza. Cerca de 20% da população é pobre (2 milhões de pessoas); 200 mil pessoas têm apenas uma refeição completa por dia e 35 mil não têm nenhuma refeição completa por dia.

A luta contra o desperdício é um elemento motor na acção dos **Bancos Alimentares Contra a Fome**. A nível alimentar registam-se importantes perdas de produtos nos sectores da produção, da transformação, da distribuição, do consumo pessoal e colectivo. A alimentação não é comparável a mais nenhum bem: está intimamente ligada à existência do ser humano, faz parte integrante dele, traz-lhe todos os dias os elementos de vida e, por isso mesmo, adquire um valor que nenhum outro bem de consumo pode ter.

O Banco Alimentar luta contra a destruição de alimentos recolhendo produtos em perfeito estado de consumo para os distribuir através de instituições a pessoas que têm fome de pão e de afecto, para que possam reencontrar a dignidade muitas vezes perdida, a auto-estima que as impede de sair do ciclo de pobreza em que muitas vezes nasceram. A sua missão só pode ser levada a cabo com o apoio de pessoas e empresas que, preocupados com o bem comum, com a justiça social, incorporam a responsabilidade social nas suas decisões de gestão.

A acção do Banco Alimentar assenta na gratuidade, na dádiva, na partilha, no voluntariado e no mecenato. Ser voluntário não é só ajudar uma pessoa menos favorecida: é querer estar envolvido como participante em acções concretas; é um modo de estar na vida, por via da qual a participação activa e responsável nas diversas estruturas da sociedade é um imperativo de cidadania; é exercício de civismo e de co-responsabilidade pelo bem comum. O Banco Alimentar é um bom exemplo de união das vontades de empresas, doadores financeiros, voluntários e instituições de solidariedade sociais que, de forma coordenada, geram resultados muito superiores aos que seriam obtidos se cada um desses agentes da solidariedade resolvesse agir isoladamente. **O importante é o comprometimento e o reconhecimento de que cada um de nós pode fazer a diferença com a sua forma de estar na vida e com as suas opções. Ter sensibilidade social é hoje ainda mais importante para a harmonia da vida em comunidade.**

Está nas mãos de todos...

Atualmente, vivemos num período de grandes dificuldades, em particular financeiras. Muitas famílias sentem ser cada vez mais difícil manter o seu estilo de vida e suportar as suas despesas, por exemplo com a saúde, a educação e até a própria alimentação.

Deste modo, o trabalho voluntário assume-se cada vez mais como um importante exercício de cidadania.

A 1 de Dezembro de 2012, alguns alunos do ensino secundário do Colégio Valsassina participaram numa acção de voluntariado nos armazéns do Banco Alimentar em Lisboa, tal como dias antes fora proposto pelo professor Paulo Vitória. A participação partiu da iniciativa pessoal, quer de alunos quer de professores. O trabalho de voluntariado consistiu na separação e organização de diferentes tipos de alimentos, que serão distribuídos por instituições com maior necessidade e por famílias carenciadas ao longo de alguns meses. A quantidade total de alimentos recolhidos no distrito de Lisboa foi 768 194 toneladas, um contributo muito significativo.

Durante as horas em que trabalhamos como voluntários pudemos entender quão importantes são estas iniciativas para a comunidade. Além disso, a nível pessoal, esta experiência foi muito gratificante e enriquecedora. **Constituiu uma verdadeira aprendizagem sobre solidariedade e partilha, fortalecendo a ideia que está nas mãos de todos poder contribuir para uma sociedade mais justa e equilibrada.**

Joana Duarte e Gonçalo Pereira 11º1A

educar para a paz, respeito e tolerância



Bibliografia:
Bíblia de Jerusalém – S. Paulo. Ed. Paulinas. 1986.
BENTO XVI – “Caritas in Veritate”. 2009. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate_po.html
COUTO, D. António (2011) – Samaritano (a) história hodierna. Uma leitura de Lucas 10, 25–37. Vida Consagrada. Nº 342, p. 43–58.
DI SANTE, Carmine – Vedere com gli occhi della Bibbia. Temi di spiritualità. Turim, Elle Di Ci. 1999.
FERREIRA, Pedrosa – Parábolas. Porto. Ed. Salesianas. 1989.
LEVINAS, Emmanuel – Altrimenti che essere o al di là dell'essenza. Milão. Jaca Book. 1998.
POLICARPO, D. José (2010) – Lugar da religião na edificação do «bem-comum». Lumen. Série III, nº 1, p. 10–17.

A parábola do Bom Samaritano

Paulo Victória Professor de Educação Moral Religiosa Católica

O povo de Israel teve um momento muito triste na sua história quando, no séc. VI a.C., os assírios invadiram a Samaria, deportaram os seus dirigentes e nomearam governadores assírios para aquela cidade. As famílias assírias misturaram-se então com as samaritanas e introduziram em Israel muitos costumes da civilização mesopotâmica, que eram adversos à fé de Abraão e de Moisés. Este acontecimento origina um ódio profundo entre judeus e samaritanos, que se agravará e prolongará até ao tempo de Jesus. Judeus e samaritanos são, pois, irmãos que não se falam.

Os sacerdotes, que eram os oficiais do culto no Templo, os levitas, que eram ajudantes dos sacerdotes, e os legistas, que pertenciam aos escribas e eram considerados como os mestres e dirigentes religiosos do judaísmo, faziam parte dos judeus. Para estes o amor ao próximo não incluía os samaritanos (Pedrosa Ferreira, 1989).

A história paradigmática do bom samaritano: texto e contexto

Falando para um legista, que queria saber o que fazer para receber a vida eterna e, tendo sido levado a ler que era amando a Deus e ao próximo mediante o cumprimento dos mandamentos, quis depois saber quem era o seu próximo, Jesus disse esta história paradigmática:

“Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos assaltantes que, depois de o roubarem e espancarem, foram-se embora deixando-o meio morto.

Por coincidência, descia por aquela estrada um Sacerdote que, ao vê-lo, passou pelo outro lado. Do mesmo modo, também um Levita, chegando ao lugar, e vendo, passou pelo outro lado. Mas um Samaritano, que ia de viagem, veio junto dele e, vendo, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou das suas feridas derramando óleo e vinho, colocou-o na sua montada, levou-o para a hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse: «Cuida dele, e o que gastares a mais, repor-to-ei quando voltar.» Lc 10, 25–37.

Paradigma de identidade ou paradigma de alteridade.

Viver a partir de mim ou a partir do outro (D. António Couto, 2011).

Os ladrões viram «um homem» que descia de Jerusalém para Jericó. Mas, mais do que um homem, os ladrões viram um objeto de que se podiam apoderar e usufruir, aumentando assim o seu mundo e o seu domínio.

Roubado e meio-morto, este «homem» da parábola não tem agora nenhum dinheiro nem nenhum poder. Os homens do poder bem o veem, e, precisamente porque o veem, evitam-no, passando cautelosamente pelo outro lado da estrada. Eles bem sabem que aquele «homem» desvalido em nada pode aumentar o poder deles e a importância deles. Só lhes traria complicações. Iriam perder tempo, beliscar o prestígio, manchar as mãos.

O contraponto vem de «um samaritano».

O texto mostra que também o samaritano «vê» o homem meio-morto e desvalido, acentuando, todavia, a originalidade e a qualidade desta «visão»: o sacerdote e o levita veem-no, e, por o terem visto, afastam-se; ao contrário, o samaritano chegou primeiro junto dele e, por ter chegado junto dele, é que o vê. O «ver» do

samaritano vem depois do «chegar-se junto dele»: não é condição (aproximo-me de ti, porque te vi), mas consequência (vejo-te, porque me aproximei de ti). O samaritano não «viu» o homem meio-morto e desvalido como se veem objetos, mas ouviu a sua palavra, e foi precisamente porque lhe obedeceu respondendo «eis-me aqui», que ficou em condições de o ver e teve compaixão dele, interrompeu a sua viagem, cuidou dele, perdeu tempo, perdeu dinheiro.

Estamos perante dois paradigmas de comportamento: o paradigma de identidade e o paradigma de alteridade. O paradigma de identidade marca os comportamentos dos assaltantes, do sacerdote e do levita. Embora de maneiras diferentes, todos vivem para si e a partir de si, natural e espontaneamente, pautando o seu comportamento pelo interesse, autoconservação, Auto expansão, autorrealização e autossatisfação, aquilo a que Levinas chama «egoísmo alérgico» (E. Levinas, 1998), que são os nossos egoísmos em guerra uns contra os outros, todos contra todos. O professor Carmine di Sante mostra bem esta nossa «animalidade», quando pergunta: «Não é o homem um ser que, como qualquer outro ser – desde a rocha, à planta, ao animal –, é tensão irresistível para a autoconservação e autorrealização, tensão que, como o conatus essendi (força, instinto...) de Espinosa, é constitutiva do eu e torna retórico e impossível qualquer discurso sobre a gratuidade, como decretou, com desencanto, a modernidade (C. di Sante, 1999).

Ao contrário, no paradigma de alteridade, o samaritano não vive para si e a partir de si, debruçado sobre si mesmo, dentro do seu arco desiderativo, projetual e instintivo, mas vive para o outro e a partir do outro, não com o objetivo da autorrealização e da autossatisfação, do proveito próprio ou do lucro, mas auto destituindo-se para servir incondicionalmente o outro, para dar a vida ao outro.

Viver a partir de mim, seguindo espontaneamente ou dando livre curso aos meus desejos, projetos e instintos, buscando a autossatisfação, integrando e dominando o outro para o pôr ao meu serviço, ou viver a partir do outro, pondo-me eu ao seu serviço, são duas maneiras irreconciliáveis de viver, e está aqui o desafio que eu sou quotidianamente chamado a enfrentar.

Neste sentido, há que salientar que o coração da mensagem bíblica, quer do Antigo quer do Novo Testamento (sobretudo do Novo), é o «local» em que pulsa a gratuidade, a bondade e o desinteresse.

Uma educação humanizante

A educação deverá ser humanizante, levando a projetos pessoais e comunitários que realizem, em cada tempo, a perene grandeza do homem. A questão antropológica, isto é, a afirmação da real dignidade do ser humano, é hoje decisiva para o futuro da humanidade. (D. José Policarpo, 2009).

Dela decorre a inspiração ética do "conviver", isto é, de viver em sociedade, o sentido da vida e da morte, a grandeza da liberdade. Os grandes problemas da humanidade atual, tais como a paz, o desenvolvimento, a questão social, têm uma profunda dimensão antropológica, isto é, a solução depende da compreensão que se tiver do ser humano. Bento XVI afirma: "hoje a questão social tornou-se radicalmente antropológica, enquanto toca o próprio modo, não só de conceber, mas também de manipular a vida"? (Bento XVI, "Caritas in Veritate", nº7, 2009). O Papa afirma ainda: "A caridade na verdade coloca o ser humano perante a admirável experiência do dom. A gratuidade está presente na sua vida sob múltiplas formas, que frequentemente lhe passam despercebidas por causa duma visão meramente produtiva e utilitarista da existência. O ser humano está feito para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência" (Ibidem, nº 34).

“A educação deverá ser humanizante, levando a projetos pessoais e comunitários que realizem, em cada tempo, a perene grandeza do homem. A questão antropológica, isto é, a afirmação da real dignidade do ser humano, é hoje decisiva para o futuro da humanidade.”

educar para a responsabilidade social

Sensibilidade social

Jorge Magalhães Vieira Oliveira Antigo aluno. Encarregado de educação. Assessor na Área Internacional da CGD

Tenho por hábito levar a minha filha, desde muito nova, a visitar museus e galerias, a ver espetáculos musicais, teatro, dança clássica e contemporânea... enfim, mesmo sabendo que, numa fase inicial, pouco poderia apreender do que via, achei essencial criar-se o hábito e a predisposição para a arte.

Como em tudo no nosso desenvolvimento psico-motor e social, as interações de tenra idade criam plataformas de crescimento, essenciais, para aprendizagens futuras.

Este Natal, e tendo a minha filha agora sete anos, achei que a devia levar a conhecer outra realidade, talvez não tão poética ou bela, mas mais presente, atual e, eventualmente, dolorosa... a da Responsabilidade Social.

Sempre tivemos em casa uma política de consciencialização social face aos que menos têm, e até face aos que mais têm, pois isto faz parte da realidade que enfrentamos nos desafios diários. Incutimos e sensibilizamos para o respeito para com a natureza (reciclagem, limpeza, pegada ecológica são, também, assuntos que se definem e discutem às refeições), animais, plantas, praias e ambiente em geral. Contudo, e tendo a palavra crise entrado no nosso léxico diário, foi essencial enveredar por experiências que despertassem a consciência das realidades vividas pelo “próximo”.

Assim, no início de dezembro, fomos fazer voluntariado na recolha de alimentos para associações de proteção aos sem-abrigo e pessoas com necessidades várias.

Apesar de estar com uma amiga um pouco mais velha, após os minutos iniciais de algum embaraço, vi uma clara transformação em toda a atitude da minha filha. A compreensão da nossa missão ali, a motivação em apelar às pessoas que enchessem os sacos, a perceção de que uns podiam ou queriam dar mais que outros e até, a perceção de alguns que já não podiam dar nada. Foi uma experiência entusiasmante à medida que os carrinhos de recolha se enchiam e os monitores comentavam que a operação estava a ser um sucesso.

Nessa noite conversamos muito, e respondi a muitas perguntas (algumas difíceis) sobre o como e o porquê desta necessidade, e acima de tudo, sobre a responsabilidade de quem pode e/ou deve resolver o problema.

O Colégio tem desenvolvido iniciativas importantes face à Responsabilidade/Sensibilidade Social mas, por vezes, os alunos mais novos tenderão a viverem-nas num misto de missão e brincadeira. Fora dos muros protetores, a experiência no terreno, com situações explícitas, tenderá a ter um impacto maior e mais duradouro.

Este Natal, a iniciativa de juntar “os brinquedos que já não uso” e outros “que ainda gosto mas que os meninos precisam mais do que eu” surgiu espontaneamente. Desenvolveu-se mais a consciência e sensibilidade social tão crucial no momento que agora vivemos.

Hoje, ela sabe que a necessidade não reside só no “senhor que mora debaixo da ponte, em cartões”, hoje ela sabe que há pessoas, meninos e grandes, avós e pais, que podem morar na nossa rua, que podemos conhecer, que precisam de ir a um banco especial... Não para levantar dinheiro, mas a um banco onde se levanta comida, roupa, cobertores, livros escolares e, sobretudo, ajuda!

Em ambientes maioritariamente privilegiados – como os que nos movimentamos –, ao nível das nossas empresas onde temos bons empregos, do colégio onde os alunos tem boas estruturas e das nossas famílias onde temos abundância de alimentos, roupas, brinquedos, tecnologia, férias e passeios, carros e segundas habitações, tem que haver uma grande preocupação em mostrar o outro lado, cada vez maior e mais negro, não só dos que nunca tiveram nada, mas principalmente, dos que já tiveram e agora não têm!



Pensar a Carta dos Direitos da Criança

Artº 31 – Toda a criança tem o direito de brincar, descansar e ter tempos livres.

Uma criança sem brincar é como:
Um pássaro sem voar,
Uma lapiseira sem minas,
Um livro sem palavras,
Um mar sem água,
Um sol sem calor,
Uma música sem som,
Matemática sem algarismos,
Um beco sem saída.
Uma criança tem que brincar!

Catarina Marques, Laura Guerra,
Mónica Nóbrega e Manuel Ramos.
5°C

É fundamental incrementar a Sensibilidade Social. Sem inculcarmos a Responsabilidade Social em todas as suas vertentes, sem levarmos os pequenos a visitá-la, podemos não ver este mundo onde todos, sem exceção, e por vicissitudes várias, poderemos um dia ter que habitar.

Votos de um 2013 mais sensível, mais responsável e mais social para todos.

Uma experiência de voluntariado Ceia na Igreja de St^a Isabel

Maria João Campos e Rui Machado Encarregados de Educação

Em dezembro de 2011, a convite de uma amiga, iniciamos um projecto social na Igreja de Sta Isabel. Segundo informação que nos tinham transmitido, esta iniciativa consistia basicamente em dar apoio num jantar que semanalmente é preparado para a população social e economicamente mais desfavorecida desta zona da cidade de Lisboa.

Apesar de todas as notícias, artigos e reportagens que vemos, lemos ou ouvimos, nunca tínhamos tido a oportunidade de participar ativamente num projeto desta natureza. As expectativas iniciais não eram muito elevadas, o que em conjunto com algum receio e natural ansiedade bem como, porque não assumir, um certo desconforto com o que se iria passar, chegou a criar incerteza sobre a nossa participação, mas a determinação e a vontade de ajudar era mais forte do que todas estas incertezas e, assim, no dia e na hora agendada marcamos presença.

O jantar é usualmente preparado por alguns voluntários durante a tarde e a nossa “função” consiste em servir o jantar e conviver um pouco com todos os que aparecem para a refeição. Reformados, viúvas e alguns viúvos, solitários, desempregados, mães com os seus filhos menores, gente que vive na zona da Igreja e alguns que vêm de outras freguesias mais distantes. Para alguns, a presença nesta refeição é já um hábito, estão mais à vontade e dirigem algumas palavras de cumprimento aos voluntários, que há mais tempo participam nesta iniciativa. Para outros, mais reservados e com o rosto fechado e pesado, percebemos que é também a primeira vez que estão sentados a esta mesa.

A refeição é completa: uma sopa, um prato, pão, sobremesa, água e café ou chá. No início acertamos que voluntário fica sentado em cada mesa, para jantar, conversar e fazer companhia e os que servem o jantar. Na maior parte dos casos repetem a refeição e o jantar prolonga-se até perto das onze da noite. No final fazemos toda a arrumação da cozinha e da sala.

Daqueles que participam, alguns, não muitos, contam as histórias da sua vida, das profissões que já tiveram, dos objectivos e ambições que traçaram, das várias vicissitudes que a sua vida teve e das dificuldades que atualmente passam e, sentimos em alguns dos participantes que têm uma certa vergonha em estar presentes.

Esta iniciativa exige empenho e um grande esforço de todos aqueles que participam, mas é muito gratificante. Para muitos dos que vão a este jantar (idosos, crianças, desempregados, etc...), muitas das vezes esta é a única refeição quente e decente que tomam durante a semana.

Este sentimento é visível no final do jantar quando nos despedimos, não só pela forma de agradecimento da refeição, mas pelo tempo que tiveram de convívio que lhes permitiu esquecer e suavizar um pouco as dificuldades do dia-a-dia.

educar para a cultura e para a leitura

João Tordo nasceu em Lisboa em 1975. Licenciou-se em Filosofia e estudou Jornalismo e Escrita Criativa em Londres e Nova Iorque. Em 2001, venceu o Prémio Jovens Criadores na categoria de Literatura. Publicou os romances *O Livro dos Homens sem Luz* (2004); *Hotel Memória* (2007); *As Três Vidas* (2008), que recebeu o Prémio Literário José Saramago e cuja edição brasileira foi, em 2011, finalista do Prémio Portugal Telecom; *O Bom Inverno* (2010), finalista do prémio Melhor Livro de Ficção Narrativa da Sociedade Portuguesa de Autores e do Prémio Literário Fernando Namora e cuja tradução francesa integra as obras seleccionadas para a 6.ª edição do Prémio Literário Europeu; e *Anatomia dos Mártires* (2011), finalista do Prémio Literário Fernando Namora. Os seus livros estão publicados em França, Itália, Brasil, Sérvia e Croácia. Trabalha como cronista, tradutor, guionista e formador em workshops de ficção.

Entrevista ao escritor João Tordo

Inspira-se frequentemente em experiências pessoais para criar os enredos e desenhar as personagens dos seus romances?

Tenho vários livros que partem de situações que me aconteceram, como o *Bom Inverno*, por exemplo, que se baseia numa série de televisão, *Dr. House*, a que assisti durante meses, fechado em casa, em cuja personagem me inspirei para construir a de um escritor frustrado e hipocondríaco. Também o meu último romance, *O Ano Sabático*, parte do facto de eu ter tido um irmão gémeo que morreu com poucas horas de vida, a partir do qual construo a narrativa, escrevendo sobre dois gémeos que não se conhecem e que descobrem que são idênticos, que nasceram no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo lugar. Há ainda outros romances, como *O Livro dos Homens Sem Luz*, cuja ação se desenvolve em Inglaterra, país onde vivi durante quatro anos. Muitas das coisas que foram acontecendo ali estão de certo modo retratadas. Porém, isto não significa que os livros são autobiográficos, porque não o são, mas sim que decorrem de algumas situações reais a partir das quais ficciono.

No seu último romance, *O Ano Sabático*, o irmão gémeo que descreve é aquele que imagina como sendo o seu irmão?

Eu só consigo imaginá-lo partindo de mim mesmo. E se ele fosse idêntico a mim seríamos exactamente a mesma pessoa. Eu inspirei-me em mim mesmo para construir a personagem do meu irmão gémeo, que, na verdade, nunca chegou propriamente a ser uma pessoa, o que confere a este exercício algum grau de estranheza. As duas personagens, Hugo e Luís, estão intimamente ligadas, embora não o saibam. Ambos são músicos e descobrem que escreveram uma composição idêntica embora nunca se tenham encontrado. O romance é como um jogo de espelhos.

Licenciou-se em filosofia e estudou jornalismo e escrita criativa, em Londres e em Nova Iorque, respetivamente. Considera que a experiência de estudar no estrangeiro teve um grande impacto na sua formação?

Teve sem dúvida um imenso impacto em mim, mas não diria que teve impacto na minha formação académica. Fui um muito bom estudante até ao 12.º ano, na faculdade fui um estudante bom, mas quando cheguei a Londres já não me preocupei tanto com os estudos mas sim com a vivência da cidade. A carreira académica não era propriamente essencial para mim, nessa altura, e quando fui para Nova Iorque muito menos. Inscrevi-me num curso de escrita criativa mas faltei imenso às aulas. A minha experiência em Nova Iorque foi a de viver aquele lugar e de conhecer aquelas pessoas. Portanto, não sou o melhor exemplo de alguém que vai para fora formar-se academicamente. Saí porque não gostava de viver aqui. Eram os anos 90, os quais não foram exactamente os melhores tempos. Passava-se precisamente o contrário do que se passa agora. Não era a crise, mas sim uma certa afluência de dinheiro e o facto de todas as pessoas terem três carros e cinco telemóveis e sei lá mais o quê. Era um excesso de meios materiais que me incomodava. Não gostava do país em que vivia.



Quando passa numa livraria e vê um livro seu, que pensa? É um orgulho ver ali uma obra sua?

Não, um orgulho não, porque isso já me acontece há alguns anos. Portanto, às tantas torna-se banal. Quando vejo um livro, pergunto-me quem é que irá comprá-lo e é sempre um exercício curioso. Preocupa-me também saber se será vendido ou se acabará no fundo de uma prateleira.

Em 2009 ganhou o Prémio Literário José Saramago, importante reconhecimento para um autor português, com "As Três Vidas". Sentiu, a partir de então, uma responsabilidade acrescida de continuar a ser reconhecido e a provar o seu valor?

Não, ser reconhecido não. O reconhecimento é uma palavra que está relacionada com o sucesso, que é para outro tipo de pessoas. O sucesso é para os políticos e para o pessoal da televisão e não me interessa nada. A mim interessava-me, isso sim, fazer justiça ao prémio e continuar a melhorar. Tinha que corresponder às expectativas. Acontece que não o fiz. Eu tinha duas saídas. Uma seria escrever um quarto romance que fosse idêntico ao **As Três Vidas**. Por aí estaria mais ou menos defendido. Mas decidi seguir em frente e escrever **O Bom Inverno**, um livro completamente diferente, quase um romance policial com uma carga gótica, muito negra. Houve críticos que consideraram a decisão ótima e outros horrível, algo a que nos sujeitamos quando nos expomos desta forma. Eu sempre fiz exatamente o que pretendia, embora sinta o peso da responsabilidade, mas em relação aos meus leitores. Não estou nada preocupado com defraudar os júris de prémios. Não quero defraudar é os meus leitores.

Julga que é fácil ser escritor no nosso país?

Acho que é fácil publicar um livro, coisa que toda a gente faz hoje em dia, ou que aparentemente toda a gente quer fazer. Até o pessoal da televisão publica livros. Sim, é fácil publicar livros, não é fácil ser-se escritor. É muito difícil construir uma carreira sólida. É necessário talento, trabalho, acompanhamento. Faz-me, por isso, alguma confusão ir a livrarias e ver os escaparates com tudo à mistura. Vê-se desde Saramago ao Rodrigues dos Santos, da Fátima Lopes ao Paul Auster, gente dos blogues, cantores, apresentadores de televisão. É uma confusão. É como vender pastilha elástica e caviar no mesmo mostrador. Isto dificulta a vida aos escritores, pois estes têm de lutar contra sucessões de fenómenos de um punhado de meses. Não é fácil lutar contra os vampiros e as donas de casa.

A sua carreira corresponde a todas as suas expectativas?

Eu não tenho muitas expectativas. As coisas vão-me acontecendo. Às vezes tenho expectativas de conseguir escrever o próximo livro e que seja melhor que os outros ou que pelo menos seja uma continuação. E é isso. Eu não posso controlar o resto, não posso controlar se as pessoas vão comprar mais ou menos os meus livros, quantas edições vindo para o estrangeiro. Tudo isso depende de factores exteriores. Concentro-me simplesmente em escrever um livro melhor que o anterior.

Como quer ser recordado pelo povo português, daqui a cinquenta anos?

Essa é uma pergunta complicada. Não sei. Não sei se daqui a cinquenta anos vamos ter memória para estas coisas. Daqui a cinquenta anos talvez ninguém se lembre de mim. Devo ser um escritor que passou pelo mundo e que chegou ao fim da carreira. Talvez esteja vivo. Gostava que se lembrassem de mim como um bom escritor, como alguém que fez qualquer coisa pela língua portuguesa.

Que livros lê?

Tudo. Leio os novos autores portugueses todos. Há uns de que não gosto. Leio alguns autores ingleses e americanos e leio imensa literatura espanhola, que julgo estar muito à frente da nossa, atualmente. Julgo que são mais contemporâneos. Espanha tem grandes escritores, como Javier Cercas ou Enrique Vila Matas. Dos portugueses posso citar Valter Hugo Mãe ou Gonçalo M. Tavares. Dos ingleses gosto de Ian McEwan, um brilhante escritor. Entre os americanos gosto muito de Philip Roth. Vou lendo um pouco de tudo, sobretudo autores contemporâneos. Li os clássicos quando era mais jovem, mas não tenho interesse nenhum em voltar atrás.

Qual foi o melhor elogio que alguma das suas obras já recebeu?

Não reajo muito bem a elogios. Prefiro que me apontem as falhas. Gosto de críticas que sejam concretas, pois demonstram atenção. É tão fácil, hoje em dia, andarmos a dar palmadas nas costas dos outros e a dizer que é tudo ótimo e giro. Interessa-me, isso sim, que as pessoas que me são próximas gostem dos livros. Se me queres fazer um elogio, faz-me uma crítica construtiva.

Carolina Madeira Fonseca, Catarina Soares e Joana Duarte. 11ª1A

educar para a cultura e para a leitura

Entrevista à escritora Margarida Fonseca Santos

Margarida Fonseca Santos nasceu em Lisboa, a 29 de Novembro de 1960. Tirou o Curso Superior de Piano no Conservatório Nacional. Deu aulas em várias escolas, nomeadamente na Escola Superior de Música de Lisboa entre 1990 e 2005. Começou a escrever em 1993. Tem vários livros publicados, na sua grande maioria para crianças e jovens, e escreve com regularidade para teatro. Orienta ateliers de escrita para crianças, adultos e professores (Escrita Criativa, Escrever teatro para Crianças e Jovens, e Escrever para Crianças e Jovens).

O que representa para si ser escritora?

Representa poder trabalhar naquilo que mais gosto, escrever. Esta é uma vida repartida pela escrita, pelo teatro (escrever peças), contar histórias, dar cursos de escrita criativa e ir às escolas falar com quem leu os meus livros, como foi o caso do vosso colégio. Sinto igualmente que é uma espécie de missão – se posso ajudar a fazer do mundo um sítio onde se possa viver mais atento aos outros, de forma mais partilhada, através do que escrevo, devo fazê-lo sem hesitação.

Onde se costuma inspirar para escrever as histórias?

A inspiração é recolhida todos os dias, em pequenos pormenores, frases, imagens, conversas, detalhes. Quem tem como profissão escrever anda sempre no mundo a vê-las surgir e a guardá-las. Umas aproveitam-se, outras não, mas faz parte da minha forma de ver o dia-a-dia esta atenção que me leva para as histórias.

Qual foi o livro que mais a marcou como leitora?

Não hesito – "O Homem sem nome", de João Aguiar. Foi como se tivesse encontrado a verdadeira magia da escrita e da leitura. Mudou-me como pessoa, mas sobretudo como escritora. É um livro que releio amiúde pois, a cada leitura, redescubro pormenores e pontes entre o imaginado e a realidade, numa junção perfeita.

Qual foi o livro que mais gostou de escrever?

Houve dois, talvez. O primeiro foi certamente "O Aprendiz de Guerreiro", que foi um trabalho longo e apurado sobre aquilo que penso e sinto do mundo. É o início de uma coleção juvenil, O Reino de Petzet, que vai ser reeditada em breve. O outro foi sem dúvida o último romance, "Deixa-me entrar na tua vida", pois corresponde à transposição de casos reais sobre a perda, dependência do álcool, co-dependência, para a escrita. Senti que precisava de falar deles e, assim, permitir que quem está dentro ou rodeado pelo problema possa sentir-se acompanhado.

O encontro que teve, no passado dia 25 de janeiro, com os alunos do Valsassina foi centrado no livro "Uma questão de azul-escuro". É um livro sobre a violência (nas escolas, nas ruas, na vida...). Qual tem sido a receptividade dos jovens sobre este livro?

Tem sido excelente. O livro mostrou-se transversal em termos de idades, sendo lido desde o 3º ao 9º ano. Penso que o facto de ter relatado de forma emocional o que passa quando a violência entra na vida de uma pessoa foi fundamental para este carinho que o livro tem recebido.





**Sessão com os alunos do 6ºB e 6ºD
(25 de Janeiro de 2013)**

E qual a sua recetividade quando vai às escolas e fala sobre este tema e o seu livro?

A recetividade tem sido preocupante... Acontece-me com uma frequência assustadora encontrar, no final das sessões, um aluno que se sente com espaço para falar do que aconteceu consigo, numa conversa privada. Estamos muito desatentos nas escolas. Há muito mais violência do que pensamos, e muita gente a sofrer com isso. Por outro lado, têm-me sido relatadas experiências, ao nível da leitura em sala de aula, de grande silêncio, de inícios de conversas quase impossíveis antes da leitura, de partilhas e entreajuda. É extraordinário quando isto acontece, a leitura pode realmente modificar a forma de estar na vida.

Como caracteriza o seu público mais jovem?

Bom, depende do que lêem meu. Tenho livros para idades muito diferentes, o que vai resultar em públicos diferentes. Não sei se existe um público que seja meu, acho que não. Sei que tenho (temos, eu e a Maria João Lopo de Carvalho) um grupo particular de seguidores com os "7 irmãos", que continua arredado das leituras na sala de aula mas que entrou no coração dos jovens a braços com isto de crescer. São livros que falam de como cada um dos irmãos vive a adolescência, mas toca em muitos assuntos que são fundamentais: lidar com a autoridade, viver em partilha, ajudar quem precisa, emendar erros, ganhar forças; fala-se também de assuntos delicados, como a homossexualidade, a morte, a mentira, etc. Os jovens já perceberam o que estes livros lhes trazem, e muitas vezes nos escrevem a dizer que sentem que estão a ler uma espécie de diário das suas vidas. Diria que estes jovens querem encontrar-se a si mesmos nos livros.

Ao longo da sua vida já teve a possibilidade de dar aulas em algumas escolas. O que é para si ser professor?

Para mim, ser professor é nunca perder a esperança de ver crescer um aluno (em conhecimento e como pessoa), é partilhar uma visão apaixonada e carregada de possibilidades com os alunos, é estabelecer relações que permitam à turma evoluir como pessoa, é inventar a cada aula uma nova forma de dar autonomia no conhecimento. Já ensinei muitas matérias, este é o denominador comum. Entregar-se de alma ao que fazemos. Os resultados são sempre surpreendentes.

Como incentivar as pessoas a ler e a escrever mais?

Acho que o segredo já foi posto em prática no 1º ciclo, falta perceber que isso tem de se repetir para sempre. Contar histórias é a tarefa que devíamos continuar ao longo de toda a vida escolar dos jovens, pois é ela que faz a ponte com a leitura. Por outro lado, trabalhar a escrita de forma lúdica e despida de objetivos concretos (gramática, sintaxe, etc.) permite que a criança e o jovem possam finalmente entrar em contacto com o texto e sentir prazer nele. Resumindo, quanto mais se ouve contar histórias, mais se tem curiosidade em ler; quanto mais se experimenta escrever de forma divertida, se valoriza o texto dos livros e dos nossos próprios escritos. Ler e escrever tem de ser visto como uma atividade que dá prazer, é aí que reside o segredo.

educar para a leitura, para a escrita e interpretação

Seis contos de Eça de Queirós

Carla Caldeira, Pedro Miranda, Sofia Vasconcelos Professores do 1º Ciclo

Tendo como principais objetivos o desenvolvimento de competências de leitura e escrita, o conhecimento e gosto pelo texto literário e, ainda, a promoção da capacidade de expressão oral, foi proposto aos alunos do 4º ano a leitura e apresentação pública de contos de Eça de Queirós.

Os alunos começaram por conhecer alguns aspetos da vida e obra deste autor do séc. XIX, através da leitura do livro “O meu primeiro Eça” (2011, Luísa Ducla Soares. Lisboa. Ed. D. Quixote), o que permitiu enquadrá-lo na sua época e elaborar a sua biografia.

Os “Seis Contos de Eça de Queirós recontados por Luísa Ducla Soares” (2000, Lisboa: Ed. Terramar) foram sendo lidos nas aulas de Português. A exploração de cada um deles foi feita de forma distinta, através de fichas de leitura, de fichas de verificação da leitura, de resumos e de recontos. Com estas atividades os alunos identificaram o género de texto lido, localizaram as ações no espaço e no tempo, fizeram o retrato físico e psicológico das personagens, identificaram os temas dos contos e os diferentes momentos da ação, exploraram e aprenderam novos vocábulos. Foi-lhes ainda pedido que manifestassem a sua opinião, redigindo uma apreciação global, e que os recriassem sugerindo um final diferente.

Finalizado o estudo dos contos, constituíram-se grupos de trabalho, sendo pedido a cada grupo que transpusesse um conto para texto dramático e o encenasse e apresentasse aos colegas de forma criativa.

O entusiasmo com que os alunos aderiram a esta proposta foi visível no envolvimento e empenhamento que demonstraram, dedicando-se à conceção e produção dos materiais e adereços necessários e ensaiando em todos os espaços e momentos disponíveis. Nesta fase algumas famílias foram por eles mobilizadas, criando condições para que o grupo se encontrasse fora do colégio ou colaborando na construção dos objetos idealizados.

A criação do texto dialogado, fiel ao essencial da narrativa, foi talvez o aspeto em que os alunos sentiram maior dificuldade. Mas, à medida que iam ensaiando, foi muito interessante assistir à eliminação espontânea de falas que se revelaram confusas ou desnecessárias ou à introdução de outras que os alunos perceberam como fundamentais.

A apresentação dos contos na Semana das Línguas foi o culminar deste percurso, tendo os alunos recorrido a suportes e encenações de natureza muito distinta. As personagens de Eça ganharam vida em crianças bem caracterizadas, em fantoches, em bonecos ou desenhos que se animavam ao contracenarem em cenários que, em fundo, ajudavam a contextualizar a ação. O recurso a músicas de fundo, a sons ou à gravação de voz off, foram algumas das soluções que os alunos engenhosamente encontraram para enriquecer ou complementar a ação, ou ainda para resolver o problema da diferenciação entre narrador e personagens.

Naturalmente o trabalho de grupo deu origem a momentos de tensão entre os seus elementos, fosse por questões de liderança, por dificuldade em distribuir e/ou em realizar tarefas individuais, em aceitar e/ou conciliar as ideias de cada um. Ultrapassar estas dificuldades permitiu uma aprendizagem tão importante como os outros conhecimentos adquiridos: o trabalho em equipa vai muito além do somatório do trabalho de cada um.



Apresentação dos contos, durante a Semana das Línguas (4ºB)

“... o trabalho em equipa vai muito além do somatório do trabalho de cada um.”

Civilização

Amigo / Narrador 1 – **Tiago Pires 4ºA**

Narrador 2 – **Margarida Matos / Afonso LozanoC 4ºA**

Jacinto – **Duarte São José 4ºA**

Zé Brás (Caseiro) – **Manuel Quintas 4ºA**

Narrador 2 – Este conto fala de um homem chamado Jacinto que tem tudo, menos a consciência de que é infeliz.

Amigo / Narrador 1 – Eu tenho um amigo chamado Jacinto que é muito civilizado. Vive num palácio e pensa que é feliz mas, no entanto, anda sempre aborrecido.

Jacinto – Tenho instrumentos de cortar, numerar, colar, añar, imprimir, Lápis mecânicos, penas elétricas, dicionários, enciclopédias, talheres variados, copos bonitos, águas luxuosas, travessas de prata, telégrafos, gravadores e muitas mais invenções, ... O que me falta para ser feliz?

Narrador 2 – Um dia, Jacinto e o seu amigo foram até ao solar de Torges de comboio. A meio da viagem tiveram de trocar de comboio e deixaram para trás as malas com todos os pertences de Jacinto, tudo o que ele considerava necessário, mas que na realidade eram futilidades.

Amigo / Narrador 1 – Quando saímos do comboio eu e o meu amigo não tínhamos ninguém à nossa espera e decidimos subir a serra.

Narrador 2 – Quando chegaram a casa, abriu-lhes a porta um caseiro chamado Zé Brás.

Zé Brás – Podem entrar, suas “insolências”.

Amigo / Narrador 1 e Jacinto – Obrigado!

Narrador 2 – E entraram.

(Jacinto olha à sua volta)

Jacinto – Que horror!

Zé Brás – Vou preparar o jantar.

(Jacinto e o amigo conversam)

Amigo / Narrador 1 – A paisagem é lindíssima!

Jacinto – Apesar disto estar tudo velho, gostei do passeio.

(Chega Zé Brás com o jantar e comem)

Jacinto – Está bom! (sopa)

Está ótimo! (favas)

Está divino! (frango)

(Bebem vinho)

Narrador 2 – Após o jantar, Jacinto e o seu amigo contemplam o céu e recolhem aos seus aposentos.

(deitam-se)

Jacinto – Tem você alguma coisa que se leia?

Amigo / Narrador 1 – Tenho o jornal.

(dá metade do jornal a Jacinto)

Narrador 2 – O amigo de Jacinto ausentou-se por 3 semanas para visitar uma tia que vivia lá perto. Quando regressou à quinta, encontrou Jacinto muito mais saudável.

Amigo / Narrador 1 – Vais ficar aqui até ao fim do verão?

Jacinto – Para todo o sempre!

(Jacinto sorri feliz)

Jacinto – É no máximo da civilização que o homem sente o máximo aborrecimento.

A sabedoria é apenas ter o essencial: um teto, um pouco de terra e grão para semear. Para sermos felizes, temos de regressar ao paraíso.

Amigo / Narrador 1 – Há já 4 anos que Jacinto mora na quinta. É agora um homem simples e feliz, que irá casar-se com uma rapariga da serra.

Vive em harmonia com a natureza e não pretende voltar ao seu palacete na cidade, onde as suas inúteis e geniais invenções se encontram agora abandonadas.

O Suave Milagre

Narradora – Nesse tempo, Jesus ainda não saíra da Galileia. Mas já era famoso pelos seus milagres.

(Cenário – cartolina nº1)

Obed, um homem rico e poderoso, ouviu falar dele.

Obed – Ai, as minhas vinhas secaram e os meus rebanhos estão a morrer! Talvez o famoso rabi me possa ajudar.

Narradora – Então Obed mandou os seus criados irem procura-lo.

(Cenário – cartolina nº1)

Criados – Mas não pode ser. Como é possível que não o tenhamos encontrado?

Narradora – Assim, tiveram de voltar de mãos vazias a casa.

(Cenário – cartolina nº1)

Também existia Públio Sétimo, um cavaleiro corajoso dono de um forte.

Públio Sétimo – Coitada da minha filha! Talvez deva chamar o rabi da Galileia para a curar desta horrível doença.

Narradora – Então foram os seus cavaleiros procurá-lo.

(Cenário – cartolina nº1)

(Barulho de cavalos a galoparem.)

Infelizmente não tiveram grande sucesso.

(Cenário – cartolina nº1)

Num casebre miserável vivia uma mulher muito pobre, com um filho aleijado, onde um mendigo lhes falava do rabi.

Mendigo – Então o rabi da Galileia faz milagres.

Narradora – Nesse momento o mendigo foi-se embora, deixando a mãe e o filho aleijado a sós. Então o filho disse, com a sua mãozinha a tremer:

Filho – Mãe, eu queria ver Jesus.

Narradora – Nesse momento Jesus aparece e diz:

Jesus – Aqui estou!

Inês Araújo, Rita Ascensão, Inês Cachachinha, Joana Viana 4ºC

educar para as artes e para a criatividade

**“Arte é tudo
aquilo a que
eu chamo arte”**

Marcel Duchamp

A exposição dos alunos do 12º ano da turma de artes, transmite o verdadeiro sentido da arte, na medida em que a arte, no meu entender, deve ser algo único. A exposição revela o lado divertido dos alunos. As emoções transmitidas nestas fotografias levam-me a pensar que todos devemos desaborrecer a escola, porque sorrir é o melhor remédio. **Matilde Figueiredo 11º4**



Exposição – Desaborrecer a escola. Um estímulo à criatividade

A exposição “Desaborrecer a escola”, reflecte como a criatividade pode ser estimulada.

Funciona, não só, como motivação para futuros alunos de artes, mas também como uma prova de que a arte é tudo o que nós fizemos dela, apresentando assim, uma visão diferente da mesma.

Como aluna que participou nesta actividade de aula e não apenas como mera observadora, descreveria todo o processo como diferente e muito motivador. Foi o entrar nas aulas com gosto e entusiasmo, e sair com vontade de que a aula se estendesse por mais 5 minutos; foi toda a descontração gerada, sem nunca esquecer a meta a atingir; foi a interação entre a turma e o assumir do lado mais cómico de cada um; foi o reunir de todos para rir, não só dos outros, como também de nós próprios; foi o pensar para além do habitual e, no fim, sentir que a missão foi cumprida! **Mariana Correia, 12º4**

A exposição “Desaborrecer a escola” é divertida e ao mesmo tempo dá-nos também aquela energia e diversão que necessitamos no nosso dia-a-dia. **Hugo Oliveira 7ºD**

Esta exposição dá-me uma sensação de divertimento, de liberdade, a sensação de que as aulas podem ser divertidas. Transmite-me a ideia de que o melhor é sempre sorrir, “Sorrir é o melhor remédio” **Martim Nabais 9ºC**





Na minha opinião esta exposição é bizarra mas igualmente hilariante. É uma forma de arte muito fora do comum, mas ao mesmo tempo bonita. Quanto ao título, acho que é irónico e pedagógico.

Afonso Mota 7ºD

Ao observar a exposição pude concluir que se trata de vários alunos a tentarem fazer-nos rir, utilizando um tipo de arte algo diferente do que estamos habituados. O título da exposição parece-me adequado, pois são várias as fotografias que me dão vontade de rir. Outras transmitem-me diferentes sentimentos mas nenhuma aborrecimento.

André Serra 7ºD

A exposição “Desaborrecer a escola”, transmite-me alegria, felicidade. Expressa os sentimentos de cada um. Expressa liberdade.

Frederica Valsassina 9ºC



**educar para
a criatividade e
reflexão**

**"A melhor coisa de
uma fotografia, é
que ela não muda
mesmo quando as
pessoas mudam"**

Andy Warhol

Unidade autorretrato fotográfico Fotografia criativa

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

O objetivo da unidade Fotografia Criativa é possibilitar o desbloqueio da criatividade, em todos os sentidos, explorando as capacidades dos alunos ao nível da sensibilidade estética, bem como do desenvolvimento de capacidades de comunicação e expressão.

A unidade partiu de uma primeira fase em que cada aluno selecionou um conceito e utilizou a fotografia como processo para a exploração do autorretrato. O autorretrato é um retrato, uma imagem, que o aluno faz de si mesmo, onde o conceptual e o criativo nos convidam a olhar e a refletir.

No conjunto são representados conceitos abstratos como sentimentos, emoções ou mesmos pensamentos. Os alunos criaram pequenos cenários na sala de aula, utilizaram objetos pessoais, que ajudaram a retratar o conceito escolhido.

As fotografias foram posteriormente trabalhadas, num programa de edição de fotografias, onde o tratamento dada às fotografias ajudou a enfatizar o conceito individual. Os alunos aprenderam igualmente a elaborar um projecto fotográfico: A construção de uma série fotográfica ou neste caso, portefólio do autorretrato fotográfico.



Conceito – Presença e/ou Ausência

(...) “Não esperes que Ítaca te dê
mais riquezas.

Ítaca já te deu essa bela viagem.
Sem Ítaca jamais terias partido.
Ela já te deu tudo, e nada mais te
pode dar.”

Ítaca, poema de **Konstantinos Kaváfis**

Fotografia de **Joana Passos de Almeida** 12^ª4





Conceito – Ausência

“Os ausentes fazem sempre mal em voltar”

Jules Renard

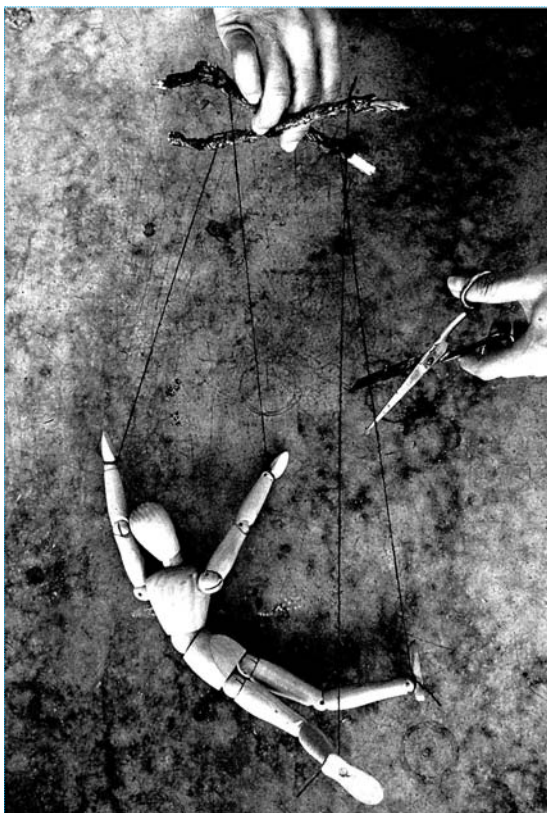
Fotografia de **Beatriz Ramos 12º4**

Conceito – Relaciona(mentes)

“Quem foi que à tua pele conferiu esse papel de mais que tua pele ser pele da minha pele.”

David Mourão Ferreira

Fotografia de **Inês Silva 12º4**



Conceito – Fuga do Eu

“Que a força do medo que tenho não me impeça de ver o que anseio.”

Fernando Pessoa

Fotografia de **Inês Estorninho 12º4**

educar para a cultura e multilinguismo

Book Review. Recensão crítica.

Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Inglês, sob a orientação da professora **Patrícia Brito Mendes**.

No início do ano letivo, foi proposta uma lista de livros recomendados para leitura e elaboração da respetiva recensão crítica.

Os livros que aqui se apresentam mostram a diversidade de autores e de correntes literárias, e os textos redigidos pelos alunos, com fluência e correcção, não se limitam a descodificar a linguagem escrita mas procuram diversificar as experiências de leitura de modo a desenvolver a reflexão crítica, a sensibilidade estética e a imaginação, reconhecendo os valores culturais, estéticos, éticos, políticos e religiosos que passam nos textos.

"I wish, as well as everybody else, to be perfectly happy; but like everybody else, it must be in my own way." Jane Austen

Title: Sense and Sensibility

Author: Jane Austen

Publisher: Splinter

First published in: 1811

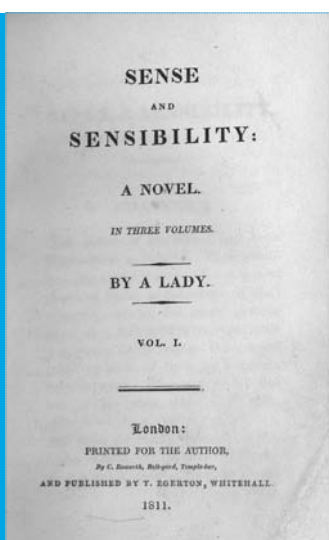
Genre: Novel

This novel is set in England between 1792 and 1797. This novel was the first book ever published by Jane Austen, and she wrote it under the pseudonym "A Lady".

It portrays the life, thoughts, fears and loves of the Dashwood sisters, Elinor and Marianne. These two sisters couldn't be more different from one another. Marianne was clever, sensitive, enthusiastic, passionate, generous, humble and interesting: she was all that but she wasn't wise. On the other hand, Elinor was sensible, introvert, wise, prudent, level-headed and pretty much cold-hearted. The story follows Elinor and Marianne to their new house, after they found themselves guests in their own property because of the death of their father, who chose his son, from a previous marriage, as his inheritor. In their new home, the Dashwood sisters experience love, tragedy, sorrow and heartbreak. As Dashwood's struggle with love and loss of their old life goes on, they learn how to balance their lives with sense and sensibility. Sense and Sensibility, from 1813, from where I stand, is one of the most incredible novels that has ever been written. It defines love as an unequal mix of cheerfulness and grief. That said, I strongly recommend this book as well as Pride and Prejudice, which is another great novel by Jane Austen.

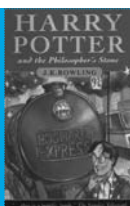
After I finished reading this novel, I found myself wondering what love is really about, and when a book can give you this kind of reflection I think it's really worthwhile reading.

Laura Seara Cabeça 10º2



**"I wish, as well as
everybody else, to
be perfectly happy;
but like everybody
else it must be in
my own way"**

Jane Austen



Title: Harry Potter and the Philosopher's Stone
Author: J.K. Rowling
Publisher: Bloomsbury Publishing
First edition: 1997
Genre: Fantasy

This is a story about Harry Potter (a young average boy) and his two new friends (Ron and Hermione) settling down for their first year at Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry only to discover that they have a part to play in the downfall of the evil ssh... You-Know-Who (Voldemort).

Harry is very likable. He's shy and self-doubting and puts up with a lot from his awful aunt Petunia and uncle Vernon and fat cousin Dudley. Poor Harry lost his parents, supposedly in a car crash, when he was a baby and that was when he received the strange lightning-shaped scar across his forehead. Ever since then he has slept in the cupboard under the stairs at the Dursleys' perfectly normal house in Privet Drive and the best thing he has to look forward to is starting at the local secondary school next term – away from Dudley, that will go to his father's old, expensive school, Smeltings.

But, other people know a lot more about Harry than Harry does himself. That lightning-shaped scar is a matter of enormous interest and Harry is about to discover that he has many friends, and enemies, in a rather different kind of world from the one he was brought up in.

This is a book about magic but there's plenty of reality. Settling into a new school, making friends, learning who to trust and who not to trust and when to obey school rules and when to overlook them. There's a great deal of humour in the book. You might find the magic funny – visit Diagon Alley to buy all your Hogwart's kit – but there is strong evil magic too and you won't doubt the courage that Harry has to show in the final chapter.

I think Harry Potter and the Philosopher's Stone is a great book because it's very relaxing to read it when it's bedtime. Written in a strong narrative style with straightforward but not over-simplified language there is enough in this plot to think about whether you are Harry's age or sssh! You-Know-Who!

Francisco Costa 10*1B

**"You don't have to burn books to
destroy a culture. Just get people
to stop reading them"**

Ray Bradbury

educar para a cultura e criatividade

À maneira de Sophia

Isabel Viola Professora de Português

Creio que a leitura e interpretação de um texto literário devem suscitar o desejo de apropriação do mesmo, isto é, de lhe acrescentar algo, de rebater um ponto de vista, de dialogar com ele, de o recriar. Foi essa a proposta feita aos alunos do oitavo ano. Escrever sobre “A Casa do Mar” (in Contos da Terra e do Mar, de Sophia de Mello Breyner), uma casa que se ergue à beira-mar como um lugar mágico, atravessada pela luz e pela respiração do oceano.

Na casa do Mar



Ilustração de Ana Rita Pereira 8°C

O cântico das gaivotas, os barcos no mar, a brisa harmoniosa, o ruído citadino ao longe e todos os barulhos e sons diurnos que se escutam junto à casa desapareceram. Já só se escutava o poderoso mar a brincar à apanhada com a areia, na calada da noite.

Uma figura encorpada ia deixando as suas pegadas sobre a duna, à medida que avançava. Vinha da cidade. Nos seus braços trazia algo, a sua respiração arfava.

Chegou à casa. Dentro de si, uma enorme tempestade misturava fúria, desespero, tristeza e medo. A sua bota de borracha pontapeou com força a cancela do jardim, rebentando os seus gonzos e condenando-os à solidão.

A figura encorpada entrou em casa e seguiu pelo corredor largo onde está o armário com as loiças, partindo algumas com a brusquidão do seu andar. Em seguida precipitou-se para a sala de jantar, à esquerda da copa. O bebé que trazia nos braços foi pousado em cima de mesa, contorcendo-se de choro, o que parecia não incomodar quem o havia carregado. Uma das muitas cadeiras que rodeavam a mesa foi puxada para trás, emitindo aquele som desagradável que o pau de giz faz no quadro negro, e o homem que carregava o bebé ocupou-a.

Os seus olhos, carregadinhos de pensamentos, ideias e preocupações fitavam o fruteiro redondo no centro da mesa e as suas maçãs vermelhas. A sua mão apressou-se a retirar uma e a trincá-la. Salpicos do doce sumo da maçã sujaram a mesa encerada, dando-lhe vida de novo.

O homem ia engolindo pedaços da maçã, como se fosse um menino pequeno que nunca havia provado tal iguaria, mas nunca deixou de fitar o fruteiro e as restantes maçãs.

Subitamente uma luz trespassou a sua mente, iluminando-a. A cadeira em que ele se sentava foi atirada para trás e uma chuva de meteoritos vermelhos e suculentos espalhou-se por toda a sala.

A figura encorpada agarrou no bebé e no fruteiro, agora vazio, precipitou-se novamente pelo longo corredor, partindo mais algumas louças, e saiu de casa correndo desesperadamente em direção ao mar.

Quando a água começou a beijar as suas botas de borracha e o sal a entrar nas suas narinas o homem parou. Colocou o bebé no fruteiro e confiou-o às ondas, tal como Moisés foi confiado ao rio, há alguns milhares de anos atrás. E um rio semelhante formou-se na cara do homem, tendo como nascente os seus atormentados olhos.

Algum tempo depois, o bebé foi encontrado a vaguar no mar, ao sabor das ondas, ainda vivo.

Os polícias exerceram o seu trabalho e juntaram todas as informações que tinham. Todas estas conduziam à Casa do Mar.

Não foi preciso arrombar nenhuma porta nem portão, não foram precisas armas nem pedido de reforços, pois lá estava ele. Na sala de jantar, sentado na mesma cadeira que havia sido projetada para trás e com a maçã meio comida na mão, mas desta vez ele não estava atormentado, nem desesperado, nem com medo, estava num sítio melhor. **Catarina Cortesão Correia 8ºD**

A casa do Campo

A casa está construída numa pequena elevação que ao longe avistamos. Há naquele pedacinho de terra um outro mundo cheio de perfumes, cores e luzes. Todas aquelas árvores, flores, animais e brisas estabelecem em seu redor um conforto de vibrações e danças.

A casa é constituída por tijolos que há tempos foram amontoados cuidadosamente. Todos os anos, o muro que a envolve e separa de outros espaços é caiado por um homem sonhador, dono daquele reino. Tem apenas um quente piso.

Ao entrarmos naquela habitação avistamos duas grandes janelas e uma porta. Ao seu lado há um jardim limitado por três brancos e gastos muros. No muro do fundo encontram-se as silvas onde em cada ramo cresce um cacho de carnudas e doces amoras. É nesse espaço que a relva coberta de orvalho nasce todos os dias. É daí que se liberta uma pequena porção de oxigénio. É aí que o ar ganha cor, refletida de cada folha, flor e fruto. No meio de todas estas cores temos branco, apenas branco do poço que transborda de água.

Ao andar por aquele trilho descoberto de relva, vemos no chão antigas flores que há tempos estiveram naquelas árvores. Agora murchas. O ar está cheio de restos de cinzas que, há um ano, deram o seu calor e fizeram desaparecer troncos de antigos arboretos.

Em agosto, este jardim está pleno de quentes ventos vindos do sul. O ar está concentrado no cheiro das laranjas, limões e maçãs. O doce amarelo, o laranja e o vermelho predominam nesta altura. Estes cheiros contrastam com o aroma das castanhas de novembro.

A casa está finalmente sozinha, em dezembro, quando ninguém a acompanha. Nestas alturas, a casa tem um momento de paz, em que não há fumo a sair da chaminé, terra acabada de cavar e luzes a iluminarem o ar.

Começou a primavera, tudo de novo, novas flores, folhas e, por vezes, frutos. O aroma doce volta a instalar-se naquele jardim. Voltam as pessoas e o movimento. Até que tudo volte a ser o mesmo. **Rita Marques 8ºB**

A cozinha

Quem chega pelo lado de trás da casa, entra num espaço amplo onde há lugar o terraço, no qual estão expostas inúmeras plantas de diferentes tamanhos. À direita, fica a cozinha. A cozinha é um lugar escuro, no entanto, de dia recebe a luz natural vinda de lá de fora. Nela corta-se o pão e preparam-se as refeições. Apesar dos seus quadros, apesar do colorido das cápsulas de café, apesar dos ímanes colados na arca congeladora, apesar do seu cheiro característico, a cozinha, com o afiado metálico das facas, onde a cor predominante é o branco que acaba por se perder com a pigmentação da comida, com a gordura da louça quando está por lavar, com o cheiro por vezes a peixe, com o armário de cima repleto de eletrodomésticos que, provavelmente, não têm mais uso, acaba por se transformar num lugar solitário e monótono onde o objetivo não acaba por ser mais do que cozinhar. **Inês Matias 8ºD**

educar para a cidadania

Parlamento dos Jovens

“Os jovens e o emprego: que futuro?”

Ana Rita Oliveira e Graça Luís Professora de Educação para a Cidadania



Sessão “Parlamento dos Jovens” com a deputada Maria da Conceição Caldeira

O Parlamento dos Jovens é uma iniciativa institucional da Assembleia da República que visa :

- Educar para a cidadania, estimulando o gosto pela participação cívica e política;
- Promover o debate democrático, o respeito pela diversidade de opiniões e pelas regras de formação das decisões;
- Incentivar a reflexão e o debate sobre um tema da atualidade, este ano “Os Jovens e o Emprego: que futuro?”
- Estimular as capacidades de expressão e argumentação na defesa de ideias e na formação da vontade da maioria.

Como em anos anteriores, os alunos do secundário trabalharam no sentido de elaborarem um projeto de recomendação e constituíram uma lista candidata a ser votada. Após realização da sessão plenária e votação foi escolhido o projecto de recomendação, abaixo, que foi ser defendido em sessão distrital que se realizou no dia 5 de Março pelos alunos do 12º1 Joana Luís, Margarida Martins e Ricardo Santos.

Projeto de Recomendação

Exposição de motivos

A nossa geração, a juventude do presente, enquadra-se numa das situações mais difíceis que o país já atravessou. Uma das principais consequências deste panorama de crise social e económica traduz-se na falta de emprego em Portugal. O número de licenciados desempregados aumenta de dia para dia, há cada vez menos oferta de postos de trabalho e os centros de emprego estão sobrelotados. Desta forma, quanto mais nos aproximamos de concluir os nossos estudos, para iniciarmos a vida profissional, menos esperançosos vamos ficando em relação ao nosso futuro.

Chamam-nos “geração à rasca”, algo que queremos mudar e acreditamos plenamente que o maior contributo que a nossa geração tem para dar é trazer inovação e fazer a diferença. E estes foram os ideais em que nos baseámos, ao elaborarmos as nossas propostas. Como tal, considerámos que todas elas deveriam incidir desde logo no ensino universitário e, principalmente, no ensino secundário, pois são as bases de todo o percurso, que tem como fim a entrada no mundo do trabalho. Por outras palavras, temos como objetivo focar-nos na raiz do problema, tentando solucioná-lo.

Ao refletirmos sobre este assunto, chegámos à conclusão de que, para podermos ser bem-sucedidos no futuro, em primeiro lugar, temos de estar bem informados no presente, de forma a traçarmos o nosso caminho da melhor forma e fazermos as escolhas mais corretas. Esta ideia vai ser, então, uma das principais linhas condutoras das propostas que vamos apresentar.

No primeiro período, os alunos do 12º ano, integraram o projeto do parlamento de jovens. Este consistiu na criação de um projeto de recomendação composto por três medidas propostas pela turma. Estas resultaram de ideias expostas por colegas nos debates realizados nas aulas de Educação para a Cidadania.

Este ano, o assunto proposto esteve relacionado com o desemprego jovem. Este tema foi muito bem recebido pelos alunos, uma vez que todos se encontram (uns mais que outros) à porta do ensino superior, e com perspetivas nem sempre muito positivas relativamente ao seu futuro profissional (devido ao aumento do desemprego nas camadas jovens). Assim, sentimos a obrigação de propor medidas interessantes, exequíveis, inovadoras e eficazes, que tornassem o nosso futuro melhor.

Devido à pertinência do tema proposto, houve uma participação bastante elevada. As discussões nas aulas foram acesas, levando a questões pertinentes e medidas bem estruturadas. Durante estas sessões de discussão realizaram-se debates de forma organizada, onde todos tiveram oportunidade de expressar a sua opinião, levantar novas questões, refutar as ideias anteriormente apresentadas e/ou apresentar uma nova medida. O envolvimento da turma foi grande, não só na apresentação e discussão de ideias como na construção do projeto e preparação da apresentação às restantes turmas do ensino secundário.

Esta foi uma atividade com uma avaliação final bastante positiva, uma vez que nos permitiu melhorar as nossas capacidades de argumentação e o nosso espírito de equipa. É de salientar o papel orientador dos professores. Permanecendo “apenas” como moderadores dos debates realizados nas aulas, deram espaço às nossas ideias e opiniões.

Joana Luís, 12º1

Com estas propostas pretendemos abordar o problema do desemprego jovem com uma perspetiva algo diferente, de forma a deixarmos a nossa marca e contribuição, em relação a algo em que acreditamos e queremos mudar.

Medidas propostas:

Consideramos, em primeiro lugar, que um dos motivos pelo qual o desemprego dos jovens tem vindo a aumentar, reside no facto de, nem sempre, haver informação suficiente, em relação aos cursos que as várias universidades oferecem. Quer no que diz respeito aos requisitos que cada um exige (média, provas de ingresso, etc.), quer a nível de saídas profissionais e ao curso em si próprio. É necessário que os jovens estejam informados e alertados sobre todos estes aspetos, para que possam tomar uma decisão mais acertada e sem comprometer o seu futuro no mercado de trabalho. Propomos, então, a criação de um organismo, dentro do Ministério da Educação, que fornecesse toda a ajuda e informação aos estudantes, não só criando um site próprio, mas também desenvolvendo ações de formação e criando centros de aconselhamento e orientação relativamente a estes assuntos.

Em segundo lugar, gostaríamos de propor a adoção de um sistema que permitisse que os alunos tivessem mais liberdade na escolha das disciplinas que pretendem ter no ensino secundário. Ou seja, em vez de cada aluno escolher um curso cujas disciplinas, na sua maioria, já estão definidas a priori, deveriam ter a possibilidade de selecionar diretamente as que são do seu interesse e preferência, à semelhança daquilo que acontece nos Estados Unidos da América. Esta maior flexibilidade traria vários benefícios, pois se cada aluno pudesse “moldar” o curso à sua medida, a sua dedicação e rendimento escolar melhorariam, e, conseqüentemente, os seus resultados académicos, que terão um papel fundamental no ingresso para a universidade e posterior entrada no mercado de trabalho. Esta medida permite, ainda, alargar as opções de escolha de cursos universitários, pois a formação secundária de cada estudante não tem de ser tão específica.

O futuro profissional dos jovens começa a ser traçado a partir do momento em que escolhemos o curso para que queremos ir no secundário e, mais tarde, tornar-se mais nítido, ao entrarmos para a universidade. No entanto, muitas vezes, tomamos todas estas decisões sem termos consciência daquilo que realmente queremos e sem conseguirmos ver o panorama total à nossa volta. Desta forma, sugerimos a criação de um mecanismo que facilitasse o contacto entre pessoas do ensino secundário, universitário e mercado de trabalho, de forma a promover a partilha de informações, experiências e impressões entre todas elas. Isto poderia ser feito com base em conferências, reuniões, workshops, estágios e, até, chats próprios e plataformas informáticas. Esta proposta tem como principal objetivo ajudar os estudantes a decidirem melhor o seu percurso académico, para que, um dia, possam ter mais sucesso a nível profissional.

1

2

3

educar o consumidor

Projeto economia doméstica

Patrícia Avôes Professora de Geografia



A turma de Economia do 10º ano dinamizou, nas disciplinas de economia e geografia, no passado dia 5 de fevereiro uma atividade para as turmas do 5ºB e 7ºB sob o tema "Economia Doméstica".

Neste jogo os alunos estavam organizados em famílias e tinham como objetivo comprar uma lista de produtos previamente definidos, gerindo um orçamento que lhes foi disponibilizado.

Confrontarem-se com questões como "Qual o melhor local para comprar um produto?", "Qual a melhor escolha?", "O que é melhor para a família?", "O que podemos e não podemos comprar?", "Vale a pena recorrer ao crédito?" era o objetivo da atividade tendo sido, posteriormente, feita uma análise das decisões tomadas e dos caminhos seguidos.

Esperamos que agora possam tomar decisões mais conscientes e que percebam melhor as dificuldades com que as famílias se deparam na gestão do orçamento familiar.

"Acho que é importante realizarmos atividades como esta no colégio porque aprendemos que, para além da qualidade, o preço dos produtos também é importante." **Diogo Montalvão 7ºB**

"O projeto economia doméstica foi bastante interessante pois ensinou-nos como é difícil para os nossos pais pouparem e continuarmos a ter um bom estilo de vida." **Beatriz Bernardo 7ºB**

"A atividade foi muito instrutiva pois aprendemos que devemos poupar mas também procurar ter qualidade de vida." **Mariana Neves, Rodrigo Soares, António Neves, Bárbara Martins e Daniel Marques 7ºB**

"Gostei muito de participar neste projeto porque fez-me perceber que devemos ter qualidade de vida mas também poupar para momentos de crise. Esta atividade foi muito importante pois percebemos como é difícil gerir um orçamento familiar." **Margarida Rodrigues 7ºB**



educar para a cidadania e igualdade de gênero

Dia internacional da mulher

João Augusto Bamberg Diretor Pedagógico dos Colégios Anchieta e São Paulo, Brasil

Cuidado!

Acaso, hoje lhe ofereçam flores, perfumes, joias, qualquer presente, cuidado.

Cuidado para não permitir que o Comércio e a desinformação transformem o dia de hoje em um dia romântico, assim como um “Dia dos Namorados”.

08 de março é um dia de Reflexão, registra uma das maiores vergonhas da humanidade. Nessa data, no ano de 1857, na cidade de New York, ateou-se fogo em uma fábrica, repleta de mulheres, operárias, que reivindicavam redução da carga horária diária de 16h para 10h, com um terço da remuneração paga aos homens, matando mais de cem delas.

Em grande parte do mundo, a discriminação contra a mulher continua. Em países, como a Índia, que se arvora de ser possuidora da tecnologia para produzir a bomba atômica, famílias abortam fetos identificados como femininos; no Japão, algumas mulheres ainda são obrigadas a andar nas calçadas, atrás dos maridos.

Na Bíblia, há o relato de que Jesus intercedeu em favor de Maria Madalena quando esta estava prestes a ser apedrejada, acusada de ser prostituta. Mas, poder-se-ia pensar, afinal “isso foi há mais de dois mil anos”. No Irã, em 2010, uma mulher foi condenada à morte por apedrejamento sob a alegação de ser adúltera.

No Brasil, na década de 1970, a sociedade levantou-se aos gritos de “Quem Ama Não Mata”, contra a cultura de se lavar a honra com sangue, a indefensável “Legítima Defesa da Honra”.

Sim, já temos uma mulher Presidente. Mas, no dia 07 de março de 2012, começou a tramitar o projeto de lei 130, no Legislativo Nacional, que determina que as mulheres que exercem as mesmas funções dos homens na mesma empresa, ganhem o mesmo salário.

Não se deixe anestesiar por viver nesse pequeno bolsão privilegiado, da nossa sociedade brasileira. Aqui mesmo, em nosso país, na maior parte da zona rural, trabalhadoras ganham diária menor que a dos homens; empresas dão preferência ao trabalho masculino.

Aproveite o dia de hoje para dizer não às “inocentes” piadinhas machistas, ao desrespeito de empregadores ao direito das funcionárias à maternidade.

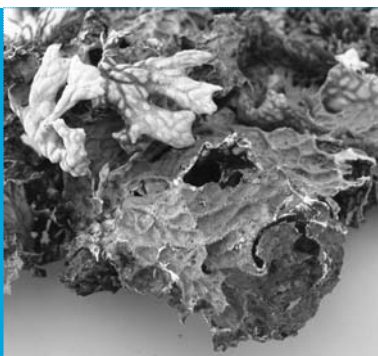
Assim como, pelo Batismo, inocentes, simbolicamente, são perdoados do Pecado Original, em uma analogia, no coração, se no Dia Internacional da Mulher, lhe forem oferecidos presentes, flores, ou bombons, aceitem. Mas, aceitem como um simbólico pedido de perdão e como uma declaração de que, doravante, homens e mulheres caminharão lado-a-lado para construir um mundo melhor. Aceitem como um troféu a que vocês fazem jus por suas vitórias na luta a favor da igualdade de direitos entre os sexos, nessa dura jornada que vem sendo vencida, passo a passo, através de séculos.

educar para o ambiente

Presença do líquen *Lobaria* indica boa qualidade do ar



A presença de uma significativa quantidade de *Lobaria pulmonaria* no tronco de um carvalho centenário em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês, num lugar conhecido por Vidoal, a cerca de 1300/1400 m de altitude, confirma-se a qualidade do ar neste local.



Lobaria pulmonaria

Os líquenes funcionam com um filtro biológico natural, que retém a maior parte dos elementos do meio que os rodeia, sendo que os líquenes sobrevivem através da humidade atmosférica e luz solar. São capazes de acumular no talo quantidades significativas de compostos de enxofre, sais de cálcio, nitratos e outros metais pesados da atmosfera, da água da chuva ou até mesmo do substrato onde habitam¹.

A presença de líquenes, a sua quantidade e distribuição fornecem indicações sobre a importância de impactos ambientais. Há uma boa correlação entre a diversidade destes organismos e a concentração de contaminantes, principalmente Dióxido de Enxofre (SO₂) e Monóxido de Carbono (CO).

Deste modo, através do estudo dos líquenes é possível proceder a uma avaliação qualitativa da taxa de contaminação atmosférica, com base no número, frequência e cobertura das espécies presentes nas várias árvores da área de estudo.

Os líquenes foram os organismos escolhidos pela Comunidade Europeia para avaliação da saúde ambiental dos bosques europeus, tendo sido reconhecidos como os melhores bioindicadores da contaminação atmosférica.

A espécie *Lobaria pulmonaria*, vulgarmente chamado pulmão-dos-carvalhos (um grande líquen epífito) é “uma espécie barómetro na avaliação da poluição”, diz António Rebelo, técnico do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Realça que “a sua presença diz-nos que o ar aqui é limpo”.

Em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês é natural sentir-se que o ar é puro. Ao observar a presença de uma significativa quantidade desta espécie de líquen no tronco de um carvalho centenário em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês, num lugar conhecido por Vidoal, a cerca de 1300/1400 m de altitude, confirma-se a qualidade do ar neste local.

A população deste líquen tem diminuído por toda a Europa como resultado dos crescentes níveis de poluição atmosférica, que se tem verificado nas últimas décadas. Em muitos locais da Europa *Lobaria pulmonaria* é considerada uma espécie rara e ameaçada. Tal como outros líquenes com uma componente cianobacteriana, *L. pulmonaria* é particularmente suscetível aos efeitos da chuva ácida, porque a diminuição dos valores de pH reduz a fixação de nitrogénio por inibição da enzima nitrogenase das algas.

Agradecimento: O desenvolvimento do trabalho não teria sido possível sem a disponibilidade e colaboração da Investigadora **Palmira Carvalho** do Museu Nacional de História Natural e da Ciência/Jardim Botânico da Universidade de Lisboa.

Durante a saída de campo foi determinante o acompanhamento e conhecimentos do técnico do PNPG, **António Rebelo**.

Catarina Soares, Catarina Caçote, Gonçalo Pereira, Filipa Verdasca, Joana Duarte, Patrícia Nascimento 11^º1A

¹Disponível online em http://sequoia.bot.uc.pt/jardim/inquire/files/2012-09-04_00_30_guia_para_alunos_vers_o_final_escola.pdf, consultado a 24/10/2012.

***Spartina maritima*: uma solução para remediar a poluição**

A permanente pressão antrópica das cidades costeiras tem feito chegar, aos ecossistemas aquáticos, quantidades crescentes de poluentes nomeadamente, de metais pesados. Neste contexto, merecem destaque as zonas estuarinas e em particular as suas margens. Por apresentarem baixo dinamismo, desenvolvem-se sapais, formados por vegetação herbácea ou arbustiva, sujeita a inundações periódicas como consequência das flutuações do nível das massas de água adjacentes.

As plantas halófitas (tolerantes a níveis médio-altos de salinidade) que aí existem a colonizar os sapais, têm capacidade para reter e/ou fitorremediar os metais, impedindo-os de entrar na cadeia trófica e de ameaçarem o ambiente e saúde pública.

A morraça (*Spartina maritima*) é uma das plantas existente no sapal do Tejo e é um exemplo de uma planta que tem a capacidade de absorver e acumular metais pesados nos seus tecidos. Ao promover estes processos, impede-se a entrada de metais pesados na cadeia trófica e a sua ameaça para o ambiente e para a saúde pública. Por serem bastante benéficos para as populações, deve-se motivar esforços no sentido de conservar as zonas estuarinas e de sapal.

Ana Catarina Pauleta, Beatriz Chagas, Mariana Monteiro 11º1A

Garrano: um património biológico e cultural a preservar

O Garrano, é um cavalo autóctone peninsular que vive em liberdade pelas serras todos os dias do ano. É a figura mais emblemática da biodiversidade milenária de algumas zonas do Noroeste de Portugal.

De acordo com Maria do Mar Oom, professora assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e embaixadora da candidatura da raça a Património Nacional, a raça autóctone Garrana, para além da sua relevância a nível histórico e cultural, é um importante reservatório de variabilidade genética nacional, pelo que os esforços desenvolvidos no sentido da sua conservação e no apoio aos criadores, individuais ou coletivos, são fundamentais, garantindo a utilização sustentada deste recurso genético no meio rural montanhoso do norte de Portugal, onde permanece desde o Paleolítico.

Na imagem é possível observar alguns dos animais que fazem parte do atual núcleo de garranos do Parque Nacional da Peneda-Gerês, fazendo parte da sua fauna autóctone. No total são 15 animais, diz António Rebelo, técnico desta área protegida.

Pelo seu enquadramento legal, o Parque Nacional da Peneda-Gerês possui, potencialmente, condições para a conservação deste importante recurso biológico, de uma forma holística integrando perspetivas genéticas, ambientais, sociais e culturais.

Agradecimentos: A realização deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração da Prof. **Maria do Mar Oom**, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e de **António Rebelo**, técnico do Parque Nacional da Peneda-Gerês, pelo tempo e apoio disponibilizados para a realização deste projeto.

Catarina Caçote, Gonçalo Pereira, Joana Duarte 11º1A



educar para a cultura e património

Património Cultural Subaquático

Em defesa de uma herança cultural da humanidade

João Gomes Coordenador SEA-UNESCO

Entre 28 de julho de 1914 e 11 de novembro de 1918, milhares de embarcações foram afundadas no decorrer da 1ª Grande Guerra e milhões de pessoas perderam as suas vidas durante este conflito. A experiência da guerra deixou um trauma coletivo nos anos subsequentes.

As ilhas Atlânticas assumiram-se como importantes pontos estratégicos no domínio das comunicações durante a primeira guerra mundial. Como resultado de inúmeros conflitos navais há um considerável conjunto de testemunhos e de sítios históricos que permanecem submersos e que constituem um enorme e rico património cultural subaquático. Este Património constitui parte da herança cultural da humanidade e, como tal, deve ser salvaguardado e preservado.

Ao contrário do património cultural em terra, que nas últimas décadas tem sido objeto de várias medidas de proteção nacional e internacional, o património cultural subaquático apenas passou a usufruir de um instrumento internacional de proteção a partir da adoção pela UNESCO, em 2001, da Convenção sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático.

Consideramos que o 100º Aniversário da Primeira Grande Guerra é uma oportunidade desenvolver ações e projetos que permitam contribuir para preparar melhor as crianças e os jovens para enfrentarem os desafios de um mundo cada vez mais global e complexo. Designadamente, torna-se fundamental consciencializar para os aspetos humanitários resultantes deste conflito, e para o património cultural subaquático em sítios submersos.

Num contexto de globalização, os desafios colocados por uma sociedade diversificada, caracterizada por complexas interações, com problemas sociais múltiplos, associados a conflitos difíceis, relevam a construção de uma política participada cada vez mais apoiada numa cidadania ativa. Por sua vez, o património (em particular o património cultural) deve ser considerado como um meio para alcançar o desenvolvimento humano, promover a diversidade cultural e estimular o diálogo intercultural, constituindo assim parte integrante do modelo de desenvolvimento económico baseado nos princípios da utilização sustentável dos recursos (Conselho da Europa 2005).

À escola assiste o dever de procurar respostas flexíveis e adaptadas a este mundo em mudança. A era da comunicação e da informação exige que a escola recree um ambiente de aprendizagem, rico em recursos, onde haja acesso às novas tecnologias de comunicação, caracterizada pela interatividade, e que os currículos ofereçam uma visão holística, do conhecimento humano, da biosfera, do universo.

No Colégio Valsassina prosseguimos um ideal que procura compatibilizar com a vida em sociedade e, por isso, promovemos uma educação para a diferença, uma educação para a mudança, uma educação globalizante. A participação na rede internacional SEA-UNESCO constitui um importante instrumento que permite às escolas partilharem informações e experiências ente si. Neste contexto, pretendemos elaborar um blogue para publicação de trabalhos relacionados com o património cultural subaquático em sítios submersos resultantes da 1ª Grande Guerra. Este blogue deverá assumir-se como o elemento central do trabalho realizado pelo Colégio Valsassina e escolas parceiras de Cabo Verde.

O recurso às Tecnologias de Informação e de Comunicação permite: facilitar o acesso a diferentes fontes de conhecimento; potenciar a interdisciplinaridade; promover o pensamento sobre si mesmo (metacognição); aumentar a motivação dos alunos; reduzir “distâncias” entre alunos de diferentes escolas e países; facilitar a transmissão de informação. Deste modo, acreditamos dar um contributo para [que os alunos envolvidos se envolvam em experiências educativas tendo em vista a promoção da cidadania, da paz e a preservação do património cultural subaquático.](#)



educar para o património

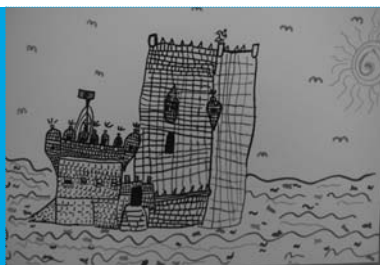
Doze olhares sobre Lisboa

No âmbito do projeto “Doze Olhares sobre Lisboa” os alunos do 1º ciclo continuam a explorar e ampliar o conhecimento sobre o nosso património, em particular sobre os Bairros de Lisboa.

Nesta edição da Gazeta Valsassina publicamos trabalhos de expressão plástica que ilustram a visão de alguns alunos sobre Lisboa.



Beatriz Azevedo 2ºA
Beatriz Jansen 2ºB
Madalena Gonçalves 4ºB
Margarida Avelar 4ºB
Margarida Matos 4ºA



educar para o desenvolvimento pessoal e social

Instrução da leitura Diferenciar para ensinar (parte 1)

Susana Mateus Técnica de Educação Especial e Reabilitação, Gabinete Psicopedagógico do Colégio Valsassina.

Aproximadamente 80% das crianças diagnosticadas com uma Dificuldade de Aprendizagem revelam dificuldades na aprendizagem da leitura, sendo na sala de aula que esta dificuldade é mais evidente por se esperar que a criança consiga realizar as atividades ao mesmo nível que os seus colegas.

Apesar das crianças poderem revelar constrangimentos de outra natureza, as dificuldades ao nível da leitura serão sempre mais críticas uma vez que irão influenciar as aprendizagens nas restantes áreas.

No presente artigo iremos apresentar as diferentes áreas que deverão ser alvo de atenção por parte das escolas e por parte dos professores, as quais deverão estar contempladas no programa de promoção/remediação da leitura e serem postas em prática nas salas de aula, por terem evidenciado a sua eficácia, como o atesta numerosas investigações.

Áreas de instrução da leitura

Um estudo levado a cabo em 2000 pelo National Reading Panel identificou na área da leitura cinco áreas da instrução fundamentais. Estas cinco áreas incluem: a consciência fonológica, o princípio alfabético, o vocabulário, a fluência da leitura e a compreensão de texto.

Apresentaremos, em seguida as áreas e as estratégias propostas neste estudo para promover o reconhecimento rápido de palavras.

Consciência fonológica

A consciência fonológica envolve a capacidade das crianças para identificarem e produzirem rimas, manipularem as palavras das frases, as sílabas das palavras e os sons das palavras (consciência fonémica).

Na instrução ao nível da consciência fonológica a ênfase é dada unicamente ao desenvolvimento da capacidade da criança de detetar e manipular os sons da língua falada, não existindo nesta fase qualquer relação com as letras.

Investigações recentes confirmaram que as crianças com dificuldades de aprendizagem revelam dificuldades iniciais ao nível da consciência fonológica e que estas dificuldades serão a causa de dificuldades subsequentes. É por esta razão considerada um forte preditor de dificuldades de aprendizagem futuras, sendo por este motivo indispensável que o ensino da leitura integre um programa de desenvolvimento desta competência.

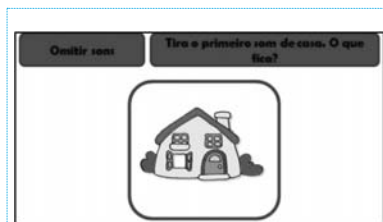
Instrução ao nível da consciência fonémica

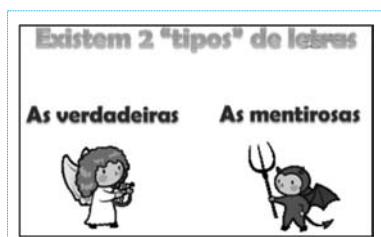
A consciência fonémica envolve a capacidade dos alunos detectarem e manipularem os fonemas (unidades mais pequenas da linguagem falada).

Investigações nesta área identificaram um conjunto de competências, de complexidade crescente que os alunos deverão adquirir de modo a tornarem-se leitores eficazes, nomeadamente: identificar sons iniciais, finais e intermédios; sintetizar sons em palavras; segmentar sons e manipular sons.

Princípio Alfabético

A instrução ao nível do princípio alfabético envolve o desenvolvimento da capacidade das crianças relacionarem os sons da linguagem falada com as





"Aproximadamente 80% das crianças diagnosticadas com uma dificuldade de aprendizagem revelam dificuldades na aprendizagem da leitura"

letras que os representam e só deverá ser ensinada quando a criança tiver adquirido a competência de manipular os sons das palavras.

A este nível a instrução deverá promover nas crianças a capacidade de identificar os diferentes sons das letras e as letras que representam os diferentes sons (conceito relacionado com a opacidade da nossa língua).

Só após o desenvolvimento desta competência as crianças estarão aptas a descodificar as palavras.

Leitura autónoma de palavras

Seguidamente apresentaremos as estratégias identificadas como eficazes na promoção da leitura rápida de palavras.

Banco de palavras

Muitos professores utilizam um banco de palavras, de 5 a 10 palavras, que são utilizadas para atividades diárias.

Inicialmente o professor pede ao aluno que leia uma lista de palavras (que poderá ser uma lista de palavras de uma disciplina curricular específica) e dessa lista selecciona 10 onde tenham ocorrido erros de leitura. As palavras são escritas em cartões que serão arquivadas numa caixa ("O banco das palavras") e utilizadas diariamente, no decorrer da semana, para realizar atividades variadas, por exemplo: procurar palavras que rimem; que tenham o mesmo significado; criar um "dominó" com palavras que comecem com as mesmas sílabas ou que terminem com as mesmas sílabas que as palavras do banco; categorizar as palavras (nome, verbo, pronome) e pedir às crianças que escrevam histórias usando todas as palavras.

Divisão silábica

A capacidade do aluno dividir uma palavra polissilábica promove a capacidade do mesmo descodificar palavras desconhecidas, por esta razão deverá ser ensinado através de instrução específica e explícita (podendo por em prática estratégias metacognitivas ou as mnemónicas), as diferentes regras de divisão silábica da nossa língua (sílabas diretas, inversas, com ditongos, com grupos consonânticos, com encontros consonânticos, dígrafos).

Análise estrutural

O ensino da análise estrutural envolve a instrução direta da capacidade de reconhecer prefixos, sufixos e raízes de palavras e é eficaz nos anos letivos após o 3º ano de escolaridade.

O desenvolvimento desta competência possibilitará ao aluno com dificuldades de aprendizagem identificar numa palavra polissilábica, o prefixo e/ou sufixo de forma automática, o que permitirá igualmente a descodificação mais rápida de toda a palavra.

Por ser uma área fraca nas crianças com dificuldades de aprendizagem, a leitura tem sido, noutros países, alvo de um grande número de investigações, tendo sido possível desta forma identificar um número considerável de estratégias que promovem a sua aquisição, as quais poderão ser postas em prática na sala de aula com o fim de promover o sucesso do alunos com dificuldades de aprendizagem.

Bibliografia

BENDER, W. (2002). Differentiating instruction for students with learning disabilities: Best teaching practices for general and special educators. California: Corwin Press National Reading Panel: www.nationalreadingpanel.org.

**educar para
a saúde, qualidade
de vida e prática
de exercício físico**

Equipa de Ginástica do Valsassina “Mais do que uma equipa, uma família”

Desde pequeninas sonhávamos, um dia, vir a ser grandes ginastas e conseguir fazer todas aquelas acrobacias e piruetas que, na altura, nos pareciam tão difíceis mas, ao mesmo tempo, fascinantes. Na verdade, foi ao entrarmos para a ginástica que nos aproximámos e ficámos tão amigas. Foi, então, que o grande sonho começou, finalmente fazíamos parte da equipa de ginástica do colégio. Começámos com a professora Elsa e, no sétimo ano, a professora Sandra convidou-nos a fazer parte da classe das avançadas. De início, sentimo-nos um pouco assustadas. Afinal, éramos as mais novas e com menos experiência, mas, rapidamente, o nosso receio desapareceu, pois todas nos receberam lindamente, fazendo-nos sentir parte do grupo. Assim, nasceram grandes amizades e depressa percebemos o **significado de união e espírito de equipa**.

Nada teria sido possível sem a professora Sandra, que nos orientou sempre no caminho certo, mantendo-nos de cabeça erguida e, mais importante do que isso, convictas e fiéis aos nossos objetivos. O que teria sido de nós sem alguém que nos dissesse: “Está ótimo meninas, já só faltam 199 treinos!”? Ou para nos lembrar de que não se atinge a perfeição sem esforço, persistência e ambição? Fazer ginástica não é ter, apenas, uma boa execução. É ter sonhos e lutar por eles, querer ir sempre mais longe e superar-nos a nós próprias. É ter medo e, mesmo assim, não desistir. E mesmo nos momentos mais vulneráveis, quando deixamos de acreditar em nós, podemos contar com o apoio incondicional de mais do que uma equipa, uma família, em que a entajuda e a diversão estão sempre presentes.

Ao entrarmos em competições, não só aprendemos a confiar mais em nós e no grupo, como também a perder e a ser humildes. Apercebemo-nos de que o trabalho e dedicação valem a pena e os nossos resultados do ano passado são a prova disso. Conquistámos o primeiro lugar nos distritais e nos regionais, o que nos deu passagem direta aos nacionais. A chave para alcançar o sucesso não era o caminho que percorríamos, mas sim como o percorríamos juntas. E como tal, nunca se justificou deixarmos alguém para trás.

Nem sempre as coisas foram fáceis. No meio de tantas alegrias, enfrentámos algumas dificuldades, como lesões, insucessos, perdas no grupo, e derrotas. Houve alturas em que o cansaço, as dores e o suor quase levaram a melhor. Mas olhando para trás, conseguimos ver que tudo valeu a pena e que não teríamos feito nada de forma diferente.

Este é o nosso último ano. Foram sete anos a construir algo que esperamos ter continuidade e não há nada mais gratificante do que ver que deixámos a nossa marca e contribuição. Agradecemos a todas as pessoas espetaculares que fizeram parte deste percurso, fazendo-nos rir, cantar, pular, dançar, chorar e, acima de tudo, sentir que fazemos parte de algo tão único e mágico.

Sofia Correia e Mafalda Claro 12º1



**“Ao entrarmos
em competições,
não só aprende-
mos a confiar
mais em nós e
no grupo, como
também
aprendemos a
ser humildes.”**

Estória de uma ideia feliz

Cristina Raminhos Encarregada de Educação, Geóloga

A aventura do *I Will Try to Fix U* começou no verão 2012, Adolfo Ferreira e Susana Vilarinho por terras de Santiago de Compostela, tiveram uma ideia, unir o gosto da corrida e da aventura à divulgação de uma causa, a Esclerose Múltipla (EM), uma doença do foro neurológico que afeta perto de 5000 pessoas em Portugal, é uma doença crónica, inflamatória e degenerativa, que afeta o sistema nervoso central, progressivamente incapacitando o paciente. É uma doença que surge frequentemente entre os 20 e os 40 anos de idade, ou seja, entre os jovens adultos e afeta com maior incidência as mulheres do que os homens.

No início não foi muito simples de concretizar, com o apoio da MS Trust2 de Londres, foi possível estruturar a ideia e pô-la em prática, sendo possível correr as provas de Setembro e Outubro já com a camisola da MS Trust enquanto se explicava a todos os que era a EM e a ideia de divulgar estas causas correndo. E assim nasceu o projeto *I Will Try to Fix You*, que pretendia de alguma forma ajudar a resolver os problemas dos doentes com EM. Para melhor divulgação criou-se a página de facebook www.facebook.com/iwilltrytofixu onde se explica o projeto e numa fase inicial se conseguiram alguns apoios.

Depois de alguns contactos realizados em Portugal, rapidamente se percebeu que seria uma ótima ideia implementar uma equipa de corridas que aliasse o gosto pela corrida, a divulgação de uma causa e o apoio na angariação de fundos, materializando-se neste caso no apoio à Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla (SPEM3), sociedade nacional que acreditou no projeto e se associou a ele.

A ideia foi crescendo e aos poucos juntaram-se varias entidades à equipa EMforça, nome que se decidiu dar à junção da SPEM com o projeto, *I Will Try to Fix You*. Foram realizados vários contactos e a ideia saiu à rua nas duas últimas provas do ano, a São Silvestre do Porto, organizada pela RunPorto que desde o início se associou e apoiou este projeto, e a São Silvestre de Lisboa, organizada pela HMS Sports que também, dentro do possível, nos apoiou. Lá se conseguiram juntar mais de 150 pessoas que livremente correram e andaram com a camisola de EMforça e dessa forma divulgaram a causa dos doentes com Esclerose Múltipla.

Não se esperava um apoio tão forte, nem tão mediático, na corrida de Lisboa, os Jornalistas da SIC, João Moleira e Sara Antunes e a jornalista Andreia Vale do Correio da Manhã TV, resolveram associar-se a esta causa e os dois jornalistas da SIC, fizeram a prova com a camisola da EMforça acompanhados por uma equipa de reportagem que filmou toda

a prova de ambos e no final fez uma excelente reportagem para o Jornal da Noite de SIC.

Uma das componentes deste projeto é precisamente chamar pessoas que não tendo EM querem de alguma forma associar-se a estes doentes e ajudá-los como podem, nem que seja correndo por eles uma corrida, ultrapassando limitações e alcançando objetivos algumas vezes não imagináveis. Desta forma cria-se uma envolvente de sentimentos muito positivos em torno de toda a comunidade de doentes, familiares e amigos de portadores de esclerose múltipla. Outra forma é o apoio aos atletas nas provas, a EMforça organiza equipas de apoio que se colocam em lugares estratégicos das provas para dessa forma darem apoio e força a quem corre com a EM, conseguindo desta forma que todos possam ter um papel neste projeto.

O lema da EMforça é precisamente, Corre com a Esclerose Múltipla e tem os seguintes objetivos:

Divulgar, desmitificando – envolver e sensibilizar a sociedade civil na causa das pessoas com EM e atrair parcerias para a concretização deste propósito;

Unir, motivando – abrir uma janela à comunidade EM e a todos os que querem conquistar a camisola, através da disponibilização de vários papéis na equipa igualmente importantes para o sucesso de todos: correr, aplaudir nas provas, incentivar novos corredores, ser voluntário na organização, estabelecer parcerias e divulgar as iniciativas;

Angariar fundos, conquistando – implementar uma prática internacional de sucesso na recolha de fundos pelos próprios corredores e apoiantes da equipa, criando-se a lógica de ganhar a t-shirt que se usa na corrida. Os fundos angariados destinam-se ao desenvolvimento de projectos pontuais ou para a manutenção de serviços de apoio e reabilitação que garantam a melhoria da qualidade de vida das pessoas e famílias afectadas pela doença.

Em 2013 vão tentar ir ainda mais longe, conseguindo encher de esperança e carinho o coração de todos os que têm a infelicidade de serem portadores desta terrível doença. Estão previstas várias provas no Porto e em Lisboa com distâncias entre os 5Km de caminhada às corridas de 10Km, 15Km, meias maratonas e maratonas.

Junte-se à EMforça e a abrace um objetivo correndo com a Esclerose Múltipla, para mais informação consulte os sites de apoio ao projecto

I Will Try To Fix You – www.facebook.com/iwilltrytofixu

SPEM – www.spem.org – www.facebook.com/SPEM. Portugal

educar para a qualidade e excelência

Quadro de Honra 1º P 2012 | 2013

5º ANO		
5199	Mariana Ferreira Reis	5º A
5200	Ana Sofia Torre Amaral	5º B
5201	Joana Diogo Alves Correia	5º C
5202	Catarina Sanches Soutelinho Aderneira	5º C
6º ANO		
4387	Maria Laura Cortez Mota	6º A
4388	Duarte Tomás Cardoso Rezio Martins	6º B
7º ANO		
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	7º A
4270	Alexandra Ribeiro Verdasca	7º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	7º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	7º C
3714	Joana Santos Pereira dos Reis	7º C
4970	Afonso Morgado Mota	7º D
8º ANO		
4702	Beatriz da Cruz g. Rodrigues Gaspar	8º A
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	8º B
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	8º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	8º D
9º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	9º A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	9º A
3466	João Francisco Pires Garutti Gonzalez	9º A
3922	Miguel Micaelo Bengala	9º A
4473	Maria Fernandes Trigueiro	9º A
3747	Maria Francisca Telles Freitas Xara-Brasil	9º B
3751	Rita Lopes da Costa Marques Pinto	9º B
3875	Marta Filipa Velosa Zambujal Oliveira	9º B
4606	Maria João Pessoa Araújo S. Sancho	9º C
5045	Maria Carolina Osório Gonçalves	9º C
4567	Sofia Vassangi Hemrage	9º D
4569	Maria Soares de Almeida	9º D
4573	Maria Leonor Palminha Alves	9º D
4622	Laura Maria Pereira Pedrosa Pinto Amaral	9º D

10º ANO		
5035	Ana Alexandra Carvalho Reis	10º 1A
4892	Laura Cardoso Seara Gonçalves Cabeça	10º 2
11º ANO		
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	11º 1A
386	Patrícia Bidarra Figueiredo C. Nascimento	11º 1A
3398	Diogo Filipe Pereira F. Fernandes Silva	11º 1A
3808	Filipa Ribeiro Verdasca	11º 1A
4236	Pedro Neto Afonso Dickson Leal	11º 1A
4863	Catarina de Oliveira Soares	11º 1A
5177	Joana da Silva Cruz Gameiro Duarte	11º 1A
3924	Alexandra Domingos Reis Pereira	11º 1B
12º ANO		
859	Luís Gouveia Coutinho Sá Couto	12º 1
1309	Manuel João Ralheta Galvão	12º 1
3262	Pedro Manuel Brito Monteiro	12º 1
3469	Diogo Miguel F. N. Pelicano Monteiro	12º 1
3994	Joana Cidade Alves	12º 1
4050	Catarina Carôla Cavaco	12º 1
4085	Ana Sofia Caldas Vieira Gomes Correia	12º 1
4105	Gonçalo Ribeiro Lopes Rodrigues Marta	12º 1
4108	Francisco Leonardo Ramos	12º 1
5001	Joana Isabel Martins Barros Luís	12º 1
5004	Diogo João Figueiredo Vieira	12º 1
3499	Filipa Veríssimo Choon	12º 2
221	Maria Inês dos Santos Silva	12º 4
3257	Joana Duarte Ferreira Passos Almeida	12º 4
3996	Inês Torre Estorninho	12º 4
4004	Mariana Arouca Rondão Rodrigues	12º 4
4063	Mariana da Câmara Pestana Correia	12º 4

Colégio em ação

Semana da Geografia

Patrícia Avões e Patrícia Branco Professoras de Geografia

Decorreu entre os dias 14 e 18 de Janeiro mais uma **Semana da Geografia** que contou com a participação de todas as turmas do 3º ciclo e com as turmas do agrupamento de economia do secundário.

As turmas do 7º ano participaram num concurso sobre Países e Capitais do Mundo, o 8º ano num concurso de Cultura Geral e os 9º anos organizaram um pequeno-almoço com comidas típicas dos diferentes continentes. Já o 10º e 11º anos participaram num concurso de fotografia subordinado ao tema "Saudade".

Uma vez mais realça-se o grande envolvimento dos alunos nas atividades e o entusiasmo evidenciado durante a realização das mesmas.

Houve ainda a participação da Dra. **Elisabete Jacinto** que fez uma apresentação sobre a sua participação nas competições de todo-o-terreno e da Dra. **Marta Rebelo** que partilhou a sua experiência sobre Voluntariado. A ambas o nosso sincero obrigado.

Por fim, um agradecimento especial ao Dr. **Mário Cília** e à Dra. **Dulce Sanches** pela sua participação na apresentação "Viagens da minha vida" onde nos descreveram alguns episódios das viagens que mais os marcaram.

Semana das Línguas 2013

Realizou-se, entre 25 de fevereiro e 1 de Março, a Semana das Línguas 2013. Foram várias as atividades realizadas, envolvendo alunos desde o 1º até ao 12º ano, entre as quais destacamos: À descoberta do autor – peddy-paper literário (6º e 7º); Máquina Lírica – invasão poética (11º); Roteiro queirosiano em Sintra; Caminos de Santiago – Final /7º; Dialogues/Roleplays contest (5º); Apresentação da Auto da Barca do Inferno (9º); Crime scene – reading contest (8º); Concurso Poemas à Solta (todos os ciclos).



Pequeno-almoço multicultural.

Sessão com a Dr.ª. Marta Rebelo.

Auto da Barca do Inferno.



Concurso de leitura.

Viagem de Finalistas 2013



6.30 da manhã de dia 10 de fevereiro de 2013. Já todos estavam no aeroporto. Custou acordar, mas com certeza valia a pena o esforço. Posso dizer até que todo o esforço que fiz no mês que passou antes desta ida para Cabo Verde foi feito a pensar na viagem. E que viagem!

Agora, quando me perguntam “Então, como é que foi Cabo Verde?!” eu só sinto um sorriso a invadir-me o rosto. Nota-se claramente que lá passei momentos felizes, dos quais já tenho muitas saudades. Sem qualquer expectativa, demos início aquilo que nos tinham precavido como uma “inesquecível viagem de finalistas”. 47 finalistas juntamente com 3 professores foram rumo à Ilha da Boavista, em Cabo Verde. Ilha essa que tem as mais extensas praias de todo o arquipélago de Cabo Verde e por sinal, todas de uma extrema beleza também!

Logo desde início gerou-se um excelente ambiente dentro do grupo, apesar das frequentes chamadas de atenção que tivemos. Todos com o mesmo espírito de divertimento e descanso, e sem qualquer noção de que o tempo passa rápido, a semana foi-se desenrolando com uma rotina cada vez mais definida e simultaneamente mais espontânea. Completamente apaixonados pelo clima (apesar de algum vento), o bronze era cada vez mais evidente... assim como os escaldões!

O dia começava cedo, e acabava relativamente cedo também, mas posso garantir que era aproveitado até ao limite. Para começar, era preciso um pequeno-almoço generoso para a manhã que se seguia: praia, danças e piscina! Descer uma escadaria com degraus incontáveis para estender a toalha num areal que se perdia de vista, e mergulhar nas violentas águas Cabo Verdianas nas quais não me fartava de nadar. Ondas, ondas e mais ondas. Sol, sol e mais sol. 12.30h, era hora de dançar com o grupo de animadores! Funaná, danças típicas cabo-verdianas, tudo que envolvia abanar o corpo dos pés à cabeça era ensinado por um grupo de animadores que puxava por nós, com os quais criamos fortes laços. Que saudades!

A fome apertava de todo o desgaste que nos era imposto, e lá íamos nós almoçar. Com a barriga cheia, eram propostas imensas atividades para fazer a digestão sem estar esquentados ao sol. Desde Bingo, a Water Polo, Aeróbica, Ping-Pong, ou mesmo uma cartada, não havia desculpa para estar parado. Depois de tudo isto, um mergulho na piscina ao final do dia sabia sempre bem – com roupa também servia, toda a gente ia para dentro de água! 17.30h era hora do jogo de futebol – Animadores VS Alunos. Um final de dia

com o céu já cor de laranja, era ótima altura para conversar, tirar fotografias e estar descontraído a respirar a brisa tardia Africana.

Chegando o pôr do sol, toda a gente se dirigia para os respectivos quartos para um descontraído banho juntamente com a preparação para o serão que se aproximava. Prontos para jantar, já todos comparávamos tons de pele à noite. A seguir a jantar, era hora de Show Time! O grupo de animadores tinha preparado para os clientes do Hotel todos os dias um show diferente, que nos permitia ficar deslumbrados com tanta originalidade e simultaneamente dar enormes e incontroláveis gargalhadas. “História do Cabo Verde” eleito como o mais marcante espetáculo, pois posso dizer que nunca vi tanto ritmo e beleza concentrado em movimentos de corpos. As primeiras fileiras de cadeiras eram sempre ocupadas pelo nosso grupo. Não falhávamos uma noite e dávamos sempre os mais fortes e merecidos aplausos.

Mas o serão não ficava por aí: a seguir vinha a discoteca! Mal lá púnhamos um pé dentro, o DJ mudava constantemente a playlist para aquilo que estávamos sempre a pedir. Queríamos fazer a exibição que tínhamos aprendido, pois cada dia que passava estava mais aperfeiçoado. Dançámos tanto! A noite era aproveitada até ao total esgotamento físico, para depois uma merecida noite de descanso.

As duas excursões que foram realizadas – uma a Sal Rei (a vila com maior número de habitantes de Boavista) e o memorável passeio de Jeep passando pelo Deserto de Viana incluindo o almoço na praia de Santa Mónica – valeram cada centímetro que demos por elas. Afinal Cabo Verde não são só resorts, e conhecer a cultura de um país é extremamente enriquecedor. Nunca tinha tido contacto com culturas Africanas, apesar de já muito ter ouvido falar. Mas faz toda a diferença o “ouvir por aí” e o ver com os nossos olhos. Senti-me sensibilizada ao estar em contacto direto com a Vila de Sal Rei e com a sua população, porque é de facto uma realidade muito diferente daquela que estou habituada a presenciar. Mudou em muito certos ideais que tinha até então.

Nunca será demais agradecer a todos os que contribuíram para a realização desta viagem, é certo que vai ficar para sempre nas nossas memórias. Chego à conclusão que durante sete dias vivenciei de uma só vez uma imensidão de emoções, sentimentos e experiências. Até à hora de ir, tudo e qualquer segundo foi alucinante. **Sodade di nós terra, cábu berdi!**

Carolina Pelletier Fontes 12^ª

Aconteceu...

Colégio participa na decoração da festa de Natal para as pessoas sem-abrigo

Tal como em anos anteriores, o Colégio participou este ano na decoração da festa de Natal, para as pessoas sem-abrigo organizada pela Comunidade Vida e Paz. O Colégio colaborou na decoração, com trabalhos dos alunos do **7º ano turma D**, realizados na disciplina de **Educação Visual**, assim como com elementos decorativos feitos com material reciclado.

Concurso Nacional de Leitura Resultados da 1ª eliminatória

A 1ª eliminatória do Concurso Nacional de Leitura (Fase de escola) realizou-se dia 7 de janeiro. Inscreveram-se cerca de 60 alunos do 3º Ciclo e cerca de 15 alunos do Ensino Secundário.

Alunos do 3º Ciclo apurados:

- Miguel Bengala - 9º A
- Catarina Correia - 8º D
- Manuel Cabral - 8º C

Alunos do Ensino Secundário apurados:

- Filipa Verdasca - 11º 1A
- Patrícia Nascimento - 11º 1A
- Catarina Soares - 11º 1A

As obras literárias escolhidas pelo Colégio Valsassina e sobre as quais os alunos demonstraram os seus conhecimentos foram:

- 3º Ciclo: "Cão como nós" de Manuel Alegre; "O menino no espelho" de Fernando Sabino
- Ens. Secundário: "Amor de Perdição" de Camilo Castelo Branco; "Manhã submersa" de Vergílio Ferreira.

Sessão do Parlamento dos Jovens

No dia 7 de janeiro o Colégio recebeu a Senhora Deputada **Maria da Conceição Caldeira** para uma Sessão sobre "Os jovens e o emprego: que futuro?". Esta sessão foi dirigida a alunos do Ensino Secundário e inseriu-se na iniciativa Parlamento dos Jovens.

Ciclo de Conferências "Eu, a Ciência e a Sociedade"

No âmbito do Ciclo de Conferências: "Eu, a Ciência e a Sociedade", realizou-se uma conferência com o Engenheiro **Nuno Simões** da Uavision, no dia 8 de janeiro. Esta conferência foi dirigida a alunos do Ensino Secundário.

Colóquio sobre Marketing Digital

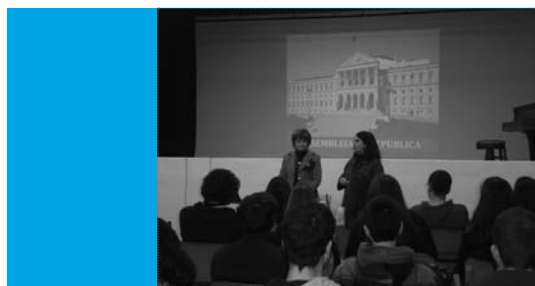
No dia 11 de Janeiro, decorreu um colóquio sobre Marketing Digital, dinamizado pelo Dr. **Pedro Janela**, CEO da WYGROUP.

Este colóquio inseriu-se na série de atividades decorrentes do Projeto Empreender Jovem, uma parceria do Colégio Valsassina e da AIP para os alunos do 12º ano.

Encontro com Elisabete Jacinto

Integrado no programa da Semana da Geografia, o dia 14 de janeiro ficou marcado pela presença da Dra Elisabete Jacinto.

Num encontro destinado essencialmente aos alunos do 7º ano a convidada apresentou algumas histórias da suas viagens pelo mundo, e em particular falou sobre a sua experiência nas competições de todo-o-terreno.



Aconteceu...

Encontro com a escritora Margarida Fonseca Santos

No dia 25 de janeiro, realizou-se um encontro da escritora **Margarida Fonseca Santos** com as turmas 6ºB e 6ºD, no Centro de Recursos Educativos. Este encontro foi centrado no livro "Uma questão de azul escuro" que aborda a temática da violência nas escolas, na rua, na vida.

Exposição de fotografia criativa

Esteve-se patente no átrio do colégio, entre 1 e 8 de fevereiro, uma exposição de fotografia dos alunos do 12º ano agrupamento de artes visuais. Os trabalhos expostos resultaram do desafio lançado aos alunos, sobre a temática do **Autorretrato Fotográfico**, assim como de uma abordagem mais divertida intitulada –Desaborrecer a escola.

Projeto "Economia doméstica"

NA turma do agrupamento de **Economia do 10º ano** dinamizou, no passado dia 5 de fevereiro uma atividade para as turmas do 5ºB e 7ºB sob o tema "Economia Doméstica".

Encontro com o escritor João Tordo visita o Colégio

O escritor **João Tordo** realizou um encontro com os alunos dos 10º e 11º anos no dia 6 de fevereiro. Participaram cerca de 100 alunos do ensino secundário.

Encontro com Maria Teresa Maia Gonzalez

As turmas 6º A e 6º C realizaram um encontro com a escritora **Maria Teresa Maia Gonzalez** no dia 7 de fevereiro, no Centro de Recursos Educativos. O encontro foi muito envolvente pela comunicação e disponibilidade da autora, que vive estes momentos de encontro com os seus leitores de uma forma intimista e acolhedora.

Alguns alunos apresentaram apreciações críticas dos livros que leram e, no final do encontro, a autora foi presenteada com um momento musical interpretado por alunos do 6º A:

- Música: Let it be (The Beatles)
- Voz: **Guilherme Barata**
- Violino: **Laura Mota**
- Piano: **Catarina Nunes**
- Coro: **Margarida Pina, Beatriz Carreira, Filipa Silva**

Desfile de Carnaval da Junta de Freguesia de Marvila

No passado dia 8 de fevereiro realizou-se mais um desfile de Carnaval organizado pela freguesia de Marvila. Em plena Avenida Paulo VI desfilaram alunos e utentes das várias escolas e associações da comunidade local. Mais uma vez, o Colégio Valsassina esteve presente sendo que este ano foram os alunos do 4º ano que representaram a nossa escola.



1º Simpósio sobre alimentação e nutrição dos 0 aos 18

Realizou-se no dia 1 de março de 2013, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, o I Simpósio sobre Alimentação e Nutrição dos 0 aos 18.

A iniciativa dirigida a Médicos, Nutricionistas, Dietistas, Enfermeiros, Psicólogos, Investigadores, Professores e Estudantes reuniu um conjunto de peritos para debater temas como: “Estratégias intersectoriais na promoção da saúde infantil”, “Challenges in assessing diets of children and adolescents”, “Diversificação alimentar: do empirismo à evidência” e o “Desafio global: a promoção de uma alimentação saudável”.

O Colégio Valsassina esteve presente nesse simpósio tendo sido apresentado o poster [Food Education in Colégio Valsassina: a holistic approach](#).

6º anos recebem Sérgio Luís de Carvalho

No dia 8 de março, as turmas do 6º anos receberam o historiador [Sérgio Luís de Carvalho](#) que apresentou o seu livro "O caminho dos reis de Portugal" (Editora Planeta). Foi, certamente, uma aula da História e Geografia de Portugal diferente.

Sessão "Ser Pai nos dias de hoje" com João Miguel Tavares

No dia 13 de março, realizou-se a sessão "Ser pai nos dias de hoje", que teve como convidado o escritor [João Miguel Tavares](#), jornalista, cronista em jornais e revistas, membro do programa da TSF "Governo Sombra" e autor do blogue "Pais de quatro".

O escritor tem já editados 3 livros: "Os Homens Precisam de Mimo"; "A crise explicada às crianças" e "Uma Baleia no Quarto". No mês de março, mês em que se assinala o dia do Pai, lança o livro "O Pai mais horrível do mundo" (com ilustrações de João Fazenda e editado pela Esfera dos Livros).

Com esta iniciativa pretendeu-se promover a partilha, o debate e a reflexão sobre os desafios que a paternidade/maternidade colocam atualmente.

Semana da Educação Física

A Organização Mundial de Saúde estima que o sedentarismo seja responsável por cerca de dois milhões de mortes anuais, ao nível mundial. As doenças crónicas não transmissíveis, como o cancro, doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2 e doença mental, são a principal causa de morte, incapacidade e perda de qualidade de vida, sobretudo, nos países desenvolvidos. Para prevenir estas doenças, recomenda-se um estilo de vida saudável, que inclui a atividade física regular.

Deste modo, como forma de estimular a prática do exercício físico decorreu, entre 8 e 15 de março, mais uma Semana da Educação Física. Entre as atividades realizadas, destinadas a alunos de todas as idades, destacamos: torneios inter-turmas de Futebol, Andebol e Basquetebol; Conferências; Uma apresentação da Classe de Ginástica Avançada e outra do Grupo de Hip-hop.

Encontro com Vítor Cotovio

Integrado no Programa da Semana da Educação Física, realizou-se no dia 15 de Março, uma conferência com [Vítor Cotovio](#), psiquiatra e psicoterapeuta.

A sessão destinou-se aos alunos do ensino secundário e teve como tema "Motivação: ponte entre educação, desporto e saúde."



Aconteceu no desporto...

Voleibol: Iniciados masculinos

Realizou-se no sábado, dia 5 de janeiro, o 2º torneio de Voleibol de Iniciados. Estiveram presentes os alunos **Afonso Minderico, Diogo Pereira, Duarte Silva, João Gonzalez, João Pedro Rosa, José Maria Brandão, Martim Lopes, Miguel Bengala, Raimundo Ramos e Tiago Wang**. O aluno **Henrique Soares** não participou por motivos de saúde.

O torneio contou com a presença das equipas que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo a equipa do colégio revelado um excelente desempenho e vencido, novamente, os dois jogos que realizou.

Resultados:

C. Valsassina x Esc. Básica e Sec. Filipa de Lencastre = 3-0

C. Valsassina x Esc. Básica 2,3 de Telheiras= 3-0

Voleibol: Juvenis Masculinos

Realizou-se no dia 23 de fevereiro, o 2º torneio de Voleibol de Juvenis. Estiveram presentes os alunos: **Bernardo Marta, Eduardo Alves, Guilherme Aderneira, Henrique Almeida, Luis Amaral, Manuel Dias, Miguel Quiaios e Tomás Caldeira**. O aluno **António Passanha** não esteve presente por se encontrar lesionado.

Este torneio contou com a presença das 4 equipas, do grupo/série 1, que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo a equipa do colégio revelado, mais uma vez, um bom desempenho.

Resultados:

C. Valsassina x Esc. Sec. Luísa Gusmão = 2-0 (25/11; 25/11)

C. Valsassina x C. Militar = 2-0 (25/22; 25/20)

C. Valsassina x Esc. Sec. J. G. Ferreira = 0-2 (18/25; 18/25)

II Torneio de Karate do Ano Novo

No passado dia 12 de janeiro realizou-se no Ginásio do Colégio um torneio entre os praticantes do Clube a partir do 2º ano do 1º Ciclo.

Como árbitros participaram alguns dos praticantes mais velhos e um grupo de árbitros da Associação-ASKP.

Ginástica

No passado dia 2 de março realizou-se o Campeonato distrital do Desporto Escolar de Ginástica. Mais uma vez as alunas participantes tiveram um excelente desempenho, tendo obtido o 3º lugar.

Fazem parte da equipa as alunas/atletas: **Mafalda Claro, 12º; Mariana Correia, 12º; Sofia Correia 12º; Carolina Fonseca, 11º; Mariana Neves, 10º; Inês Pinto, 10º; Ana Clara St. Aubyn, 9º; Inês Santos 9º; Marta Martins, 9º; Sofia Hemrage 9º; Leonor Ferreira, 8º; Ana Luis, 8º; Joana Silva, 8º; Sara Silva, 8º; Teresa Laureano, 8º; Mafalda Martinho, 7º; Margarida Rodrigues, 7º; Francisca Fonseca, 6º; Marta Ruivo, 6º; Patrícia Marques, 6º; Sofia Falcão, 6º; Soraia Silva, 6º; Joana Correia, 5º; Joana Paiva, 5º; Joana Nunes; 5º.**

A aluna **Carolina Fonseca** participou, mais uma vez, como juiz da competição.

Vai acontecer...

Março

- Viagem de Finalistas do 9º ano
- Lançamento do Projeto “Vela por óleo” (produção de velas aromáticas a partir da reciclagem de óleo alimentar usado)

Abril

- Os Dias da Filosofia
- Semana Verde
- Conferência do ciclo “Eu, a Ciência e a Sociedade” com a professora e investigadora Patrícia Figueiredo

Maio

- Semana da Informática
- Semana da Música

Junho

- Um Dia da Escola, 1 de Junho
- Concerto da Primavera
- Missa de Finalistas
- A minha primeira experiência no mundo do trabalho (10ºano)

Próxima edição... Por uma Escola Sustentável...



A edição da Gazeta Valsassina envolve o uso de um recurso natural que vem das árvores, o consumo de energia para produzir o papel, imprimi-lo e transportá-lo, liberta gases com efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global. Caminhando para uma Low Carbon School compensámos as emissões que não conseguimos evitar através do apoio a um projecto que sequestra o dióxido de carbono pelas raízes das plantas e o guarda no solo. A Gazeta Valsassina é *carbonfree* – livre de emissões de carbono.



